

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Maria Penna
(Entrevista)

Ficha Técnica

Depoimento Avulso

Entrevistado – Maria Penna Satamine (MP)

Entrevistadores – Eduardo Thielen (ET), Nísia Trindade Lima (NT) e Ricardo Augusto dos Santos (RS)

Datas – 02/08/1990 (fitas 1 e 2) e 31/08/1990 (fita 3)

Local – Rio de Janeiro

Duração – 2h50min

Documento analógico e representante digital: 3 fitas cassete de 60 minutos

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PENNA, Maria. *Maria Penna. Entrevista de história oral – Depoimento avulso*. 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 70p.

Sumário da entrevista

Fita 1 - Lado A:

Origem familiar e lembranças de sua infância e seus primeiros anos de estudo, com recordações da casa de seu avô, em Barbacena/MG, onde passava as férias; a vinda de Belisário Penna para o Rio de Janeiro, trabalhar com Oswaldo Cruz e sua atuação no combate à febre amarela; breve referência à atuação política de Belisário Penna como vereador em Juiz de Fora/MG; seu entusiasmo com o Integralismo e a prisão em consequência; sobre o trabalho de Belisário Penna no combate ao impaludismo na Baixada Fluminense/RJ e em Pirapora/MG; sua atuação no combate à Doença de Chagas e referência a seu trabalho com Carlos Chagas; sobre a formação profissional de seus irmãos; a infância em Juiz de Fora, as atividades profissionais de seu pai na cidade e o atendimento médico prestado por ele aos imigrantes italianos na cidade; comentário sobre sua mãe e o segundo casamento de seu pai; referência a seus tios Leocádio e João Chaves e o ingresso de Belisário Penna na Saúde Pública do Rio de Janeiro.

Fita 1 – Lado B:

A amizade de Belisário Penna e Oswaldo Cruz e a ida de ambos para combater o impaludismo na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; lembranças de algumas viagens de seu pai ao interior do Brasil e seu trabalho no combate à febre amarela no Rio de Janeiro; as aulas de saúde pública dadas pelo pai em casa, formação educacional e hábitos de leitura dos pais; seu estudo de idiomas, a formação religiosa da família e lembranças de seus irmãos; o gosto do pai pela música e sua afinidade com o Integralismo; o falecimento de Belisário Penna; lembrança de sua infância em Lassance/MG e comentário sobre o relacionamento do pai e Carlos Chagas.

Fita 2 - Lado A:

A atuação do pai no atendimento médico em Lassance e referência a suas outras atividades, com destaque para a caça de animais para pesquisa; opinião sobre o pouco reconhecimento social pelos trabalhos desenvolvidos por Belisário Penna e Carlos Chagas; reconhecimento de Oswaldo Cruz ao trabalho de seu pai e alusão a alguns familiares deste; novamente sobre as lembranças da infância em Lassance/MG; recordações sobre a vida no Pará quando seu pai e Oswaldo Cruz foram combater a febre amarela; sua formação educacional; sua posição e a de seu pai em relação à Segunda Grande Guerra e lembranças de sua viagem à Europa.

Fita 2 - Lado B:

As atividades profissionais de Belisário Penna quando retornou do Pará para o Rio de Janeiro e alusão à perda do diário onde o pai contava suas viagens ao interior do Brasil; o combate ao impaludismo na Baixada Fluminense e a ação de Belisário Penna na área de saúde pública quando dirigiu o Serviço de Profilaxia Rural; comentário sobre a prisão do pai durante o governo de Arthur Bernardes; a decepção do pai com o governo de Getúlio Vargas e sua afinidade com o Integralismo.

Fita 3 - Lado A:

A forte figura paterna de Belisário Penna, sua dedicação ao trabalho, alusão às atividades deste no Rio Grande do Sul à convite de Getúlio Vargas e sua nomeação para o Ministério da Educação e Saúde; o pedido de demissão do MES e a adesão ao Integralismo; breve comentário sobre a atuação do pai na Baixada e nos subúrbios do Rio de Janeiro e nova referência à perda do diário de viagens de seu pai; as lembranças da vida em Juiz de Fora com destaque para o falecimento de sua mãe e a atuação política do pai; a vinda para o Rio de Janeiro e o trabalho de Belisário Penna como Delegado de Saúde Pública.

Fita 3 - Lado B:

O falecimento do pai em sua fazenda em Vassouras/RJ; comentários sobre a amizade de Belisário Penna com Carlos Chagas e Oswaldo Cruz; a prisão do pai por sua simpatia ao Integralismo e suas próprias impressões sobre Plínio Salgado e o Integralismo; referência à posição do pai em relação ao nazismo; a amizade de Belisário Penna com Oswaldo Cruz e o ideal de saneamento de seu pai; as ideias de Plínio Salgado e a repressão aos integralistas; as lembranças de sua vida em Juiz de Fora, a admiração do pai por Oswaldo Cruz; novo comentário sobre a perda do diário de viagens de Belisário Penna, o falecimento deste na fazenda da família, sua formação escolar e a orientação educacional e religiosa recebida pelo pai.

Primeira entrevista - 2 de agosto de 1990

Entrevistadores: Eduardo Thielen (ET), Nísia Trindade (NT) e Ricardo Augusto dos Santos (RS)

Fita 1 - Lado A

NT - Estamos com D. Maria Penna, na presença dos pesquisadores Eduardo Thielen, Nísia Trindade e Ricardo Augusto, dando início a uma entrevista para o acervo da Casa de Oswaldo Cruz. D. Maria nós gostaríamos de começar através do relato da sua infância, então, gostaria que a senhora falasse um pouco sobre isso. A senhora nasceu em Juiz de Fora, né?

MP - É, eu nasci não na cidade, meu pai tinha uma casa assim, uma espécie de casa de campo, fora da cidade, eu nasci nesse lugar, mas é no distrito de Juiz de Fora, tanto que eu sou registrada em Juiz de Fora; passei minha infância lá até os 8 anos. Quando eu fiz 9 anos, meu pai já estava aqui no Rio no combate à febre amarela e quando acabou a

epidemia da febre amarela é que ele trouxe a família pra cá. Dos 8 anos em diante eu vivi aqui no Rio de Janeiro e passava as férias em Barbacena onde meu avô, o pai dele vivia.

NT - E as lembranças que a senhor atem da sua vida, da sua infância?

MP - Eu era levada da conta (risos). Gostava muito... tinha umas casas com grandes chácaras, tinha muito pé de fruta, muita árvore, jabuticaba. Nós morávamos numa casa que tinha um monte de jabuticabeiras e papai dizia assim: “Ah, essa aqui tá boa pra colher hoje” quando ele ia colher, a mamãe aqui já tinha colhido quase tudo. Eu fui muito levada, mas no sentido de arteira, sempre tive bom gênio, nunca fui de raivas, de malcriações, de nada disso, eu era travessa, né? Fazia travessuras. Desde pequenina, mamãe disse uma vez que uma vez, morava numa casa daquelas antigas e me viu passar carregando roupas, carregando roupas. Foi espiar, eu tava botando tudo na privada, socando toda a roupa assim; isso eu era pequenininha assim, isso me contaram, eu não me lembro.

Depois disso, eu fiz meu primeiro estudo num colégio americano que existia, acho que ainda existe, em Juiz de Fora. O Colégio Americano mesmo e comecei pelo sistema pelo sistema que quase que adotam hoje a ler, parecia um quadro negro e pendurava uma gravura. Eu me lembro que o meu era um gatinho preto, no fim de 3 meses eu estava escrevendo, lendo e escrevendo, um ensino muito bom mesmo. Eu tinha até uma carta aí, que eu escrevi pra minha mãe (?) Belo Horizonte, de garrancho, né? Mas eu escrevi uma carta sozinha. Aí fiquei estudando o primário lá em Juiz de Fora, depois nós viemos pro Rio e eu fui para um colégio que existia na rua Hadock Lobo, chamado Colégio Rouanet, era um colégio francês. Ali eu fiz o primeiro e o segundo ano primário, nesse colégio. Depois nós mudamos pra uma rua no bairro do Rio Comprido e eu fui pra uma escola pública que tinha perto de casa. A professora chamava-se Dona Elvira, era uma mulata forte, uma ótima professora. Lá então que eu comecei a estudar mesmo, o primário todo. Nunca mais eu esqueci o que eu estudei naquela escola, a gente ia às nove e saía às duas; levava um pão com bife, um pão com ovo pra comer no intervalo porque era hora de almoço e a gente estava no colégio., fiz todo o meu primário ali. Depois eu estudei num colégio alemão na Rua do Bispo que era perto de casa, aí eu estudei história, geografia, francês, inglês e alemão, só que quando chegou a matemática, não deu, não deu mesmo.

Saiu daquelas coisinhas fáceis pra matemática, a minha cabeça estava muito pra história, geografia, eu adorava, né? Aí eu estudei essas três línguas. Francês eu já conhecia porque na casa do meu avô em Barbacena tinha uma governanta francesa; ele mandava buscar da Europa para os filhos aprenderem porque antigamente a língua chique era o francês. Não é como hoje, o inglês, era tudo francês e na casa do meu avô tinha essa governanta que falava francês com a gente e eu comecei a aprender francês com oito anos por aí.

NT - A senhora conviveu muito com seu avô nesse período?

MP - Em Barbacena eu ficava as férias todas numa casa imensa que hoje, parece que hoje é a prefeitura de Barbacena, uma casa imensa e cheia de quartos, tinha tios, tias lá, tinha duas ex-escravas, dois anjos que baixaram do céu de bondade, de tudo o que você possa imaginar, uma preta, outra era mulata, tia Liana e tia Virginia, como a gente chamava e o filho de uma delas que era um mulato assim, da altura desse moço aí, mas só tem que era dobrado, era o Zé, cozinheiro da casa e ele sabia que eu gostava muito de doce, então eu chegava lá na cozinha e ele dizia assim: “Mariazinha, espia ali ao outro lado do fogão uma coisa”, eu ia espiar, era uma panela que tinha feito doce de leite, pra eu rapar (risos). Era muito boa a vida lá na casa do meu avô.

NT - Seu avô era Visconde?

MP - Visconde de Carandaí e ele foi morar em Barbacena e fez tantos benefícios à cidade, foi prefeito, foi não sei o quê, que o imperador titulou ele, primeiro com o título de barão e segundo com o título de Visconde. Ele nunca, nunca usou isso pra nada, não mandou fazer cartão, não fez.... como é que chama Brasão, nada disso, era um homem muito simples, mas fez, foi um grande benfeitor de Barbacena, tem até a rua hoje com o nome dele lá, a casa grande enorme, em frente ao jardim que era muito bonito e hoje virou feira, feira de barraca. Eu fiquei de ir lá....

NT - Ele atinha propriedade rural lá também?

MP - Não, ele tinha um sítio perto de Barbacena, de onde vinha ovo, leite, galinha, tudo vinha do sítio. Era um lugar relativamente perto, mas ele se casou com a filha de um fazendeiro ainda do tempo da escravidão. Foi, tinha uma fazenda, ele não foi mal para os escravos, de maneira que quando houve a Lei de 13, ele não ficou sem os empregados, eles ficaram lá (?), tanto que eu conheci essas duas ex-escrava, aliás, ex-filhas de escravas, né? Muito boas pessoas, muito boa. Depois meu pai, o meu pai morava em Juiz de Fora e eu passava as férias em Barbacena, depois nós ficamos em Juiz de Fora até os 10 anos. Depois começou... o Dr. Oswaldo Cruz começou a campanha da febre amarela aqui no Rio, né? Pra acabar, porque minha mãe morreu de febre amarela e meu pai fico num desgosto! Imagina, ele era louco por ela, ela era muito bonita, então quando o Dr. Oswaldo Cruz abriu a campanha de febre amarela aqui, papai veio imediatamente, fez concurso, entrou, trabalhou como um danado na Campanha de febre amarela aqui no Rio.

NT - E a sua mãe contraiu febre amarela em Juiz de Fora?

MP - Lá em Juiz de Fora e deixou a minha irmã que tinha nascido há 15 ou 20 dias e foi criada em Barbacena na casa do meu avô e papai então quando houve a campanha ele fez tudo que era possível pra ajudar, tanto que ele ficou muito amigo de Dr. Oswaldo, mas muito amigo mesmo porque ele trabalhou... Trabalhava, saía de casa de manhã e entrava a noite vigiando o Serviço porque eles entravam nas casas com um tacho desse tamanho assim, botavam enxofre ali dentro, enchiam de enxofre. Entravam nas casas, paravam aquelas panelas pela casa e depois fechavam a casa, calafetavam com tiras de papel as janelas, as portas, tudo era calafetado pra não haver um lugarzinho pra sair a fumaça. Saíam pela última porta e calafetavam ela por fora e já tinham tacado fogo nos panelões de enxofre e aquilo ficava umas duas horas queimando. Não havia mosquito que resistisse, né? Aquela fumaceira, o cheiro de enxofre, um cheiro ruim.

E fora isso havia a campanha de vigiar os quintais, fazer, despejar latas d'água e coube pro meu pai, Saúde e Gamboa, as duas zonas piores, naquele tempo, do Rio de Janeiro, de casas velhas, de quintais sujos, de porões horríveis, mas ele conseguiu acabar com a febre amarela, em todos aqueles lugares. Ele disse ao Dr. Oswaldo que acabava em seis meses não se teve um caso de febre amarela, aí é que nós viemos morar no Rio.

NT - Lá em Juiz de Fora...

MP - E ele era muito querido, aqueles negociantes lá daquela zona brava, eles ficavam danados porque ele multava quando ele encontrava um balde com água ou uma lata com querosene, ele multava porque ali era foco de mosquito, né? Onde tinha água tinha foco de mosquito e ele ficou, depois no Natal aqueles negociantes mandavam aqueles caixotes lá prá casa com passas, figos, vinhos: “Volta tudo daqui”. A gente ficava com o olho cumprido (risos), nós meninas, não sabíamos nada do que era aquilo. Ele nunca aceitou nada de presente, nada disso pra poder manter aquele regime que ele acabou em seis meses e entre a Saúde e a Gamboa não tinha um caso de febre amarela.

NT - Ele era um homem muito rigoroso, né?

MP - É, muito, mas era bom. Ele ficou querido. Tinha uma casa de cômodos perto da nossa casa assim, um pouco distante, e lá tinha uma mistura, aquelas casas de cômodos de antigamente, eles pegavam aqueles palacetes enormes que foram abandonados pelos nobres e tal e faziam casa de cômodos e era horrível não tinha higiene, não tinha essas coisas sanitárias... Papai ia pra lá: “Arranja uma cadeira aí”, o pessoal dava uma cadeira pra ele, metia a mão no bolso, tirava bala, distribuía pra aquela criançada toda, ficava tudo aceso pra ver o que que era, aí: “Senta todo mundo aí”, aí sentava e ele começava a pregação dele sobre mosquito, febre amarela e assim com a vacina também, a mesma coisa com a vacina obrigatória e ele ficou querido lá. E tinha lá um sujeito, dizem que era um negrão forte, dobrado que resolveu ser o guarda costas de meu pai, foi amor (risos). Ele ouviu dizer que iam segurar papai na rua pra bater por causa dele, exigir isso e aquilo, ele disse: “Quem tocar no meu baixinho, eu faço em mil pedaços”, o crioulão falou e alguém contou isso pra papai, a gente sabe porque ele contou pra papai, mas não aconteceu nada, ele conseguiu. E aquela zona que era... eles chamavam de zona, né? A zona tal, a zona tal, aquela dele não tinha mais um caso de febre amarela. Acabou tudo, mas ele era muito exigente em matéria de...

Ele começou a descobrir que em alguns lugares o mosquito continuava: “Mas de onde é que sai esse mosquito? Tá tudo... os ralos estão...”. Os ralos eram a grade do ralo e um negócio por dentro pra tapar por mosquito não entrar naqueles buraquinhos do ralo, ele continuava a procurar, procurava e não descobriu. As caixas d’águas antigas tinham o que eles chamavam de ladrão, era um cano que subia até a uma determinada altura, quando a água chegava naquela altura, saía pelo ladrão porque senão ia entrando e caindo tudo por fora. Os mosquitos entravam pelo buraquinho do ladrão e iam botar os ovos na água da caixa. Aí ele mandou fazer umas tampinhas de arame e botou embaixo de onde saía a água e em cima. Acabou o mosquito e acabou com a febre também.

NT - O seu pai tinha muita liderança também porque em Juiz de Fora ele chegou a ser vereador...

MP - Chegou, eu acho que ele foi até presidente da Câmara dos Vereadores, mas nunca se gabou de nada, aquilo pra ele era uma coisa como comer, não tinha pretensões, ele... eu só vi papai entusiasmado com alguma coisa no tempo do Integralismo. Ele foi integralista ferrenho, né? Ele foi preso, esteve preso no tempo do Bernardes, ele foi preso e, graças à Deus, não fizeram nada com ele, não maltratavam, mas o Oswaldo Aranha que era ministro naquele tempo quando soube que ele tava preso, foi buscá-lo na prisão. Aquela gente deve ter ficado com cara de bobo porque desceu de braça dado com ele por uma escada e nós ficamos apavorados que a gente sabia como é que faziam né? Ele, meu irmão e minha irmã que trabalhava na Saúde Pública com ele, mas não sofreu nada, felizmente.

E a vida dele foi essa luta constante: contra a varíola, contra a febre amarela e aqui no estado do Rio, toda a baixada fluminense, era um pantanal, era uma coisa horrível e tinha impaludismo aí que era uma coisa terrível. Ele foi encarregado de acabar e acabou. Mandou drenar, aqueles pantanais enormes ele mandou drenar, fazer como se fossem córregos que a água escorria porque o mosquito pousa na água parada, né? Na água corrida ele não pousa e ele acabou com o impaludismo na baixada fluminense. Tinha 12 médicos trabalhando com ele. Cada um tinha o seu pedaço, mas sob a direção dele. Acabou também com o impaludismo aqui na baixada fluminense.

Quando nós estávamos... durante muito tempo nós ficamos em Lassance, que é uma estação da estrada de ferro, perto de Pirapora, quer dizer, perto não, é relativamente perto que é o final da estrada de ferro central, né? Quando nós morávamos lá em Pirapora que nós fomos pra lá porque papai estava sozinho há muito tempo, a gente morava numa casa de campo mesmo: o chão de tijolo, o teto de zinco e as venezianas em vez de madeira, eram de lona branca, subia e descia, era aquele tipo de janela, guilhotina e lá papai atendia também aos impaludados e os que tinha (?) cheio de chagas, chegava com aqueles (?) assim enormes. O Dr. Carlos Chagas trabalhou muito lá também e foi lá que foi descoberto o *Tripanossoma* da moléstia de Chagas, né? E vinha aquele pessoal consultar com o papai e as vezes tinha até fila assim e ele dava aqueles remédios... ele não fazia farol de nada não, ele dava uns remédios caseiros, uns chás de ervas, aquelas coisas, porque o povo gosta é disso, né? E lá ele atendeu muitos doentes e nós estávamos lá quando o Dr. Chagas... ele estava vendo, o papai estava vendo no microscópio e chamou o Dr. Chagas: “Ô Chagas venha aqui, eu estou vendo uma coisa aqui que eu não conheço” porque meu pai não era cientista de estar no microscópio. Aí o Chagas veio e deu um pulo: “Isso é um *tripanossoma*, só existe na África na moléstia do sono”. Ficou todo entusiasmado e daí por diante ele estudou o negócio e descobriu, né?

E nós passamos quase dois anos nesse lugar. Lá nasceram minhas duas irmãs gêmeas, porque eu tive irmãs gêmeas, depois nós voltamos pro Rio e ele continuou na... mas aí ele já tinha acabado a febre amarela essas coisas todas. Ele trabalhou, trabalhava mais assim como um Inspetor Sanitário, sempre muito modesto, não queria que o nome dele aparecesse. Eu só vi papai se entusiasmar no tempo do Integralismo e ele nos pregou muito susto porque foi uma perseguição atroz, ele, meu irmão, minha irmã, todos três foram presos, mas não foram maltratados. Minha irmã, que era secretária dele e meu irmão...

NT - Qual delas? Qual das irmãs?

MP - Já faleceu, a Celina, a minha irmã, justamente minha irmã de pai e mãe porque quando minha mãe morreu deixou essas duas filhas, eu e essa irmã, chamava Celina e essa sempre trabalhou em repartição pública e de saúde, negócio de saúde e meu irmão que era engenheiro, também foi preso...

NT - É o João Carlos?

MP - Não, pai do João Carlos, chamava-se João, pai do João Carlos. Ele foi casado com uma moça de São Paulo, da família Kehl, gente muito boa; o irmão dela se casou com uma das minhas irmãs também...

NT - Que é o Renato [Kehl]?

MP - O Renato é, o Renato trabalhava na Bayer, era médico também. Papai teve... ele era médico, o Renato era médico.... o Botafogo era médico, também trabalhou lá em Manguinhos, todos eles eram casados com minhas irmãs. Então, como ele era médico, a casa era muito freqüentada por médicos e aí saía casamentos.

NT - A senhora casou-se com médico também?

MP - Não, eu não. Meu marido era... bacharel em Direito.

NT - Aliás Dona Maria, a senhora falou a pouco sobre Juiz de Fora e lá em Juiz de Fora, o seu pai, a senhora lembra-se das atividades que ele exerceu?

MP - Eu sei... eu não me lembro bem porque eu era muito pequena, mas eu me lembro que ele foi vereador lá durante algum tempo e quando a minha mãe morreu, ele ficou num desgosto tamanho, mas ficou tão desesperado com a medicina que ele rasgou o diploma dele em pedaços e montou um armazém de secos e molhados, como se chamava antigamente, Secos e Molhados.

NT - Ele ficou desiludido com a ...?

MP - Ficou completamente. Aí, durante muito tempo, ele foi negociante.

NT - A senhora se lembra disso?

MP - Eu lembro da loja, me lembro da loja...

NT - A senhora era muito pequena, não é?

MP - Ele, ele vinha aqui ao Rio de Janeiro, fazer encomenda das coisas que precisava, me lembro das casas que nós moramos, eu me lembro de algumas perfeitamente e me lembro de uma cachorra que nós tínhamos, perdigueira, toda preta, chamada Africana, o apelido... o nome dela era Africana, também era uma cachorrone grande, que tinha ódio de italiano, não sei porque ela não podia ver um italiano passar...

NT - Qualquer italiano?

MP - Passava na rua ela saía feito uma bala atrás!

NT - E como é que ela reconhecia? (risos)

MP - Não sei (risos)... e outra coisa interessante que papai fez. Ele foi médico dos imigrantes lá em Juiz de Fora, chegava aquela leva de imigrantes, a maioria de italianos, lá em Juiz de Fora. Mas eles vinham, coitados, em porões de navios, eram maltratados...

NT - Era uma casa de imigrantes?

MP - É, tinha um lugar especial, muito sujos, muito malcheirosos, era horrível, então o que que papai fez? Fez a sala de espera, fez um cubiculuzinho que era um banheiro com chuveiro e depois a sala de consulta. Então ele saiu e tinha lá um sujeito pra tomar conta: “Agora o senhor tira a roupa que o médico vai lhe examinar” e quando passava lá no chuveiro, o homem abria o chuveiro, dava um banho naqueles italianos todos, porque papai dizia que eles cheiravam mal, vinham em porões de navios, sem banho sem nada. Então, ele fez essa artimanha pra dar banho nos italianos, mas ficou muito querido lá em Juiz de

Fora, ficou muito querido. Ele era simples, sabe. Papai era um homem simples, ele não tinha empáfia, ele não tinha orgulho, ele conversava com qualquer pessoa, ele lidava com qualquer um, chamava, ficava bravo quando mandavam presentes pra ele, aqueles negócios, ele ficava bravo e não aceitava nada. E a nossa vida em Juiz de Fora... depois ele casou com a cunhada, né? Ele casou-se com a irmã, abaixo da primeira esposa dele que foi a mãe que eu conheci, que foi 3 vezes mãe se você quiser (?), foi boa demais. A gente nem sabia que tinha tido outra mãe, nem eu nem minha irmã...

NT - E a senhora era muito pequena também, não devia se lembrar.

MP - É quando ele se casou, eu devia ter uns 5 pra 6 anos e eu me lembro da chegada dela em Barbacena porque ele levou a esposa pra mostrar ao meu avô, né? Eu me lembro da chegada dela, a roupa que ela estava vestindo, uma saia preta, daquelas antigas que ficava um franzido atrás, uma blusinha branca, uma gravatinha vermelha, um chapeuzinho redondo assim e minha tida dizendo assim: “Maria vem conhecer sua mamãe, você agora tem uma mamãe” e ela foi muito carinhosa, muito boa, nunca levantou a mão pra me bater, nem na mão assim, eu era louca por ela, quando ela morreu eu senti demais. E ela com ele, teve mais 9 filhos.

NT - E ela morreu depois do Dr. Belisário?

MP - Ela morreu depois de papai, morreu cancerosa, infelizmente.

NT - E assim a família da sua mãe, a senhora podia falar um pouquinho dela?

MP - A família da mamãe era Chaves, né? O meu avô, pai dela, foi formado em Direito. A história é até interessante porque a mãe dele ficou viúva, com poucos recursos, mas tinha um sitiozinho na Paraíba do Norte, quase na capital e tinha dois escravos, um homem e uma mulher, e com isso, ela tratava do sítio, lavava a roupa e tal. Aí um dia um irmão dela chegou no sítio e viu um dos meninos carreando um carro de boi com a vara, coisa de criança, né? E ele disse assim: “Puxa, esse aí não vai passar de carreiro”. A minha avó que

dizem que tinha um gênio muito bravo quando ela ouviu dizer isso, vendeu o sítio, vendeu tudo que tinha e foi embora pra capital. Alugou uma casa na capital, começou a fazer doces pra fora e vender, lavar roupa com a escrava. Formou um filho em Direito, outro filho em Medicina e a filha em professora que naquele tempo já tinha. Mas essa moça teve paralisia infantil e não se conhecia que era paralisia infantil, mas pela descrição, ela teve e ficou parálitica da cintura pra baixo. Dizem que era linda, eu não conheci, e ficava na janela vendo os moços passar, olhava e tal. Morreu com 92 anos e a empregadas ali, junto com ela. Isso é a família da minha mãe. Meu pai, meu avô foi governador de 5 estados no tempo do Império e acabou como Reitor da Faculdade de Direito da Bahia que foi quando ele morreu. E depois a minha família veio toda pra Juiz de Fora, onde mamãe estava morando com papai, eu a chamava de mamãe, né? E ficaram lá conosco.

NT - A família da sua mãe...

MP - Lá da minha mãe. Uma das minhas tias casou-se com um advogado lá de Minas e as outras duas não se casaram, ficaram solteironas, morreram velhas, mas muito boas também. Uma delas estudou na Escola Normal pra ser professora e a outra trabalhou aqui nesse correio de Botafogo anos e anos, vendendo selos, trabalhando com cartas, né? E a minha mãe morreu de câncer e não sofreu porque quando ela ia começar, que o médico foi examinar, disse: “Olha, vocês se preparem porque ela vai sofrer muito. Não tenham escrúpulos de dar morfina”, ainda disse assim pra gente, mas ela não sofreu. Quando ele começou a sentir dor, morreu; teve uma espécie de síncope e morreu. Nós todos já éramos casados, com netos, ela conheceu os netos todos. Essa é minha família. E o meu irmão que foi o único varão... não, depois, mamãe depois de muitos anos, teve um outro filho homem que foi o mais moço e papai botou o nome de Oswaldo em homenagem ao Dr. Oswaldo Cruz e esse meu irmão, ele não se formou em nada. Estudava, lia feito um danado, mas botar a cabeça pra trabalhar com o estudo, trabalhou e foi ser funcionário público e um dia, dormindo, não acordou, chamava-se Oswaldo.

ET - A senhora conheceu Leocádio Chaves?

MP - É meu tio.

ET - Ele trabalhou no Instituto [Oswaldo Cruz] também.

MP - Muito tempo, ele é irmão da minha mãe, tinha o Leocádio e tinha o João. O João era farmacêutico em Santa Teresa, formou-se em Farmácia e tinha uma farmácia em Santa Teresa, no Largo dos Guimarães. Era conhecido em Santa Teresa toda porque era a única farmácia naquela época que tinha em Santa Teresa, né? João Rodrigues Chaves, eram dois homens e cinco mulheres. Era a minha mãe, a minha madrastra e mais três irmãs, uma que se casou em Juiz de Fora com um advogado e as outras duas que ficaram solteiras.

NT - Agora D. Maria, antes, né? Quando estávamos falando sobre a decisão do Dr. Belisário de trabalhar na Febre Amarela. Ele contava muito sobre o concurso?

MP - Não, ele fez... primeiro ele fez concurso pra ser médico aqui no Rio, da Saúde Pública, porque entrava por concurso; ele fez concurso tirou muito bom lugar e foi nomeado pra o que eles chamavam Delegacia de Saúde, era uma espécie de um posto de saúde, a dele era ali na Rua Visconde de Inhaúma, lá na cidade. Eu me lembro que um dia eu tive que ir lá chamar ele com uma empregada e eu que não sabia nada do Rio de Janeiro, menina, que medo que eu tive, mas eu acertei! Mas ele era, ele trabalhava ali naquela repartição e a zona dele de (?), de cuidar era Saúde, Gamboa, aquela zona braba ali da cidade, né?

NT - E ele veio a conhecer o Dr. Oswaldo Cruz aqui no Rio ou ele já tinha conhecimento antes?

MP - Não, ele veio a conhecer o Dr. Oswaldo aqui no Rio.

Fita 1 - Lado B

MP - Então conhecia os médicos todos, né? Aí ele conheceu o Dr. Oswaldo e ficou logo maravilhada porque o Dr. Oswaldo era moço, muito moço mesmo.

NT - Eles tinham mais ou menos a mesma idade, não é Dona Maria? O Dr. Belisário e o Dr. Oswaldo?

MP - Não, o Dr. Oswaldo era muito mais moço que o papai, ele começou muito moço, ele era de uma inteligência que era uma coisa fantástica e ele começou. Quando ele dirigiu esse serviço todo de febre amarela, ele tinha uns 35 anos no máximo, mas o cabelo ficou branco muito cedo, de maneiras que ele parecia mias velho porque embranqueceu muito cedo, mas ele era bem mais moço do que papai.

NT - E eles chegaram a Ter uma amizade de ir na casa, né?

MP - Ele... menina, papai tinha uma adoração pelo Oswaldo Cruz. Quando o Dr. Oswaldo foi chamado pra combater o impaludismo que havia na Estrada Madeira-Mamoré que estavam fazendo lá no interior do Brasil, lá no Norte, ele disse: “Eu só vou se o Belisário for comigo” e papai tomava conta. Ele tinha uma alimentação especial, não podia comer quase sal, ele era todo cheio de (?), aí papai foi com ele pra Madeira-Mamoré e tem uns fatos interessantes nessa viagem, numa viagem que papai fez aí pelo interior do Brasil, à cavalo com um camarada, chamou um camarada lá, né? Acompanhando, pra mostrar as estradas, aquelas estradinhas... Ele chegava, chegou numa casa, eu já não me lembro se eu contei isso pra vocês, tinha uma mulher sentada na porta, dessas bem... bem... triste, com um barrigão enorme, duas, três crianças brincando no pátio do quintal também barrigudas, de vermes, essas coisas. Aí papai disse: “Minha filha, são seus filhos?”, ela disse: “São, três morrendo na terra e três vivendo no céu” foi a resposta que ela deu, olha que coisa de uma pessoa ignorante, né?

Ele viajou por esse Brasil inteiro num lombo de cavalo, acompanhado por um sujeito que conhecia os caminhos e tal e quando ele chegou à São Paulo, ele saiu de Recife

e veio parar em São Paulo. Quando chegou em São Paulo que ele se despediu o acompanhante dele disse: “Ô doutor, o senhor entrou aqui, se precisar de um servicinho, pode mandar me chamar porque eu faço”. Servicinho já sabe o que que é, né? Ele era um bandido conhecido (risos) naquela redondeza, pois ele foi de uma fidelidade com o meu pai, uma coisa fantástica! Muito, muito bom mesmo, em toda parte que ele passou, ele dava remédio.

Passou por um lugar aí do interior do Nordeste ou do Norte que tinha uma doença que chamava ‘mal de engasgo’, que a pessoa comia um gole e ficava engasgado. Fazia ginástica, ficava de cabeça pra baixo, se pendurava nas árvores pra engolir cada bocado de comida.

NT - E que doença era essa?

MP - Isso foi bem no interior, hoje não deve haver mais, mas naquele tempo aquilo ali era mata mesmo, né? Só com guia que você podia andar ali.

NT - O que causava essa doença?

MP - Parece que era um fenômeno nervoso, tinha muito impaludismo, muita gente com barrigão, crianças com verminoses, com as barrigas enormes e ele foi distribuindo pelo caminho. Onde passava, dava o remédio. Foi uma viagem, ele saiu de Recife, veio sair em São Paulo, por dentro do Brasil.

NT - E ele falava muito dessas viagens? Quando ele voltava, ele contava essas histórias pra senhora?

MP - Ah, ele contava tudo pra gente esses fatos que eu tô te contando, foi ele que contou. Ficou muito conhecido onde ele passou.

RS - A senhora faz idéia de como ele tomou conhecimento do concurso, então?

MP - Ah, foi, naturalmente deve ter sido em jornal, né? Que abriu um concurso pra Saúde Pública.

RS - Ele comentou sobre isso?

MP - Aí ele disse, ele falou pra minha mãe que ia tentar fazer o concurso pra ver se podia ficar aqui no Rio trabalhando. E veio, fez, ficou muito bem classificado, porque papai era muito inteligente e então, depois que ele já estava aqui, que a febre amarela já tinha quase que desaparecido porque ele trabalhou, nesse tempo ele ficou trabalhando contra a febre amarela, depois que ele fez o concurso é que ele fez esse trabalho todo de combate à mosquito, essas coisas todas. Depois, quando não havia mais casos de febre amarela aqui no Rio, ele mandou buscar a família pra cá, assim mesmo ele ainda deu muita aula... Eu tinha uns 11 anos quando ele dava aula pros estudantes de Medicina que iam lá prá... ainda fazer o combate, fazer (?) nas casas e tudo isso, ele tinha... antigamente havia uns vidros de sal gordos assim, com uma tampa, ele enchia aqueles vidros de água, botava aqueles mosquitos lá dentro, embaixo, então tinha toda a produção do mosquito: desde que botava o ovo, desde que virava ninfa, depois que virava o mosquito, tudo aquilo. Mamãe ficava danada porque ficava na sala de jantar aqueles vidros todos cheios de... (risos), botava uma boquinha de filó que é pro mosquito não poder fugir, né?

Aí ele me ensinava: “Olha minha filha, venha cá, olha como é que é isso, e isso, e isso e isso”. Aí ele dava umas aulas pra uns estudantes de medicina lá em casa. Aí ele chamava: “Maria, vai mostrar aos moços como é que é a história do mosquito”, ah menina, eu ficava! Se existe orgulho nesse mundo, era o que eu tinha naquela hora.

NT - E eram estudantes que trabalhavam com ele na...?

MP - Ele trabalhava com a saúde pública e eu mostrava então os mosquitos... e ficava muito curiosa.

NT - E a senhora falou que na escola, a senhora gostava mais de história, geografia que os que estudavam medicina não se interessavam muito não, né?

MP - Ah, é esse negócio de numerozinho minha filha, eu aprendi o essencial (risos).

NT - E a medicina não entusiasmava a senhora, nunca se entusiasmou?

MP - Não, nunca me entusiasmei pela medicina, eu gostava mesmo era de história e geografia, línguas. Eu estudei francês, inglês e alemão, né? Gostava muito de línguas, muito mesmo. Eu tive num colégio que tinha lá na rua do Bispo, lá na Tijuca, Colégio Alemão. Eu já sabia escrever alemão daquele, daquela letra antiga que eles tinham que era uns garranchos, e eu já sabia fazer. Tinha correspondentes na Alemanha, moça e com uns rapazes de lá. Eu escrevia com aquela letra antiga que eles tinham né? Mas quando veio a Guerra, eu fiquei com uma raiva tão grande da Alemanha, que larguei o estudo completamente. E alemão você não pode deixar; é uma língua que você tem que estar treinando sempre, é muito difícil. Só os casos de (?), eu francês e inglês eu estudei muito.

NT - E o Dr. Belisário?

MP - Francês e inglês o meu avô tinha governanta francesa, de maneira que a gente pequenininha já treinava o francês, né? E depois o inglês eu estudei no colégio e adorava estudar inglês, lia muito, sempre li muito.

NT - Isso que eu ia perguntar, a senhora gostava de ler romances...?

MP - Ih.... demais, eu vivia com um livro na mão. O primeiro livro que eu li, eu tinha três meses de colégio, chamava “Juca e Chico”, era a estória de dois pequenos, endiabrados que pintaram tanto que acabaram caindo dentro do moinho e virando grão de milho assim (risos), eu nunca esqueci desse livro, “Juca e Chico”.

NT - E o Dr. Belisário tinha hábito de ler também? A senhora lembra disso?

MP - Papai lia mais ciências, né? Livros assim, mais.... Minha mãe é que gostava, minha mãe era muito inteligente, muito instruída, ela estudou num colégio francês lá na Bahia e ela também lia muito. Dá um livro bom pra ela pra ver uma coisa? Ela se fechava no quarto, deixava a casa rolar e enquanto ela não acabava de ler o livro ela não saía do quarto (risos).

NT - E os filhos deixavam?

MP - Deixavam, porque a gente tinha umas empregadas, né? Antigamente a gente tinha umas empregadas muito boas, muito boas, dedicada, amigas, né?

ET - O Dr. Belisário lia em outras línguas também como a senhora?

MP - Como é?

ET - Ele lia em outras línguas como a senhora?

MP - Ah, papai lia em francês, inglês não, francês ele lia porque na casa do meu avô teve sempre uma governanta francesa.

NT - E falava em francês?

MP - Falava francês. Eu comecei a estudar gramática francesa eu tinha uns 10 anos, quando eu ficava nas férias em casa de vovô, ela chamava-se Luísa, ficou mais de 20 anos na casa. Todas as minhas tias falavam francês muito bem. Na passagem do século a família do meu avô, foi toda pra Paris pra assistir lá os festejos de 1800 para 1900 e foi lá que ele achou essa moça que tinha acabado de desmanchar o noivado, estava muito desgostosa não sei porque e veio com a família e ficou lá acho que uns 30 anos ela ficou na família. Mesmo depois que meu avô morreu, ela continuou lá e eu estudei muito francês com ela, a primeira parte, né? A parte mais fácil porque eu era menina. É uma língua que eu gosto muito, muito. Eu estudei inglês, francês, alemão e italiano. Mas falar mesmo, eu falo inglês e

francês. Italiano, eu na Itália eu falo que meu italiano é macarrônico, né? E eles entendem agora o alemão eu esqueci completamente. Engraçado, lá na Alemanha, quando eu estive na Alemanha numa viagem que eu fiz, a única pessoa que conhecia algumas palavras de alemão era eu, e então o pessoal dizia: “Fala Maria, diz alguma coisa”, “Mas eu não lembro mais gente”, eu botava a cabeça pra trabalhar pra ver se lembrava principalmente porque quando eu fui, o João XXIII foi eleito Papa e foi uma comissão daqui do Rio, uma porção de padres e bispos no navio, parecia mais uma igreja, um convento, do que um navio. E lá em Roma, na Alemanha, aqueles padres todos queriam dizer missa minha filha, e eu tive que descobrir onde é que tinha uma igreja católica pra perguntar. Afinal, depois de muito tempo eu lembrei (???) (risos). Eu sei que eu acertava e eles ensinavam e houve uma senhora que até nos acompanhou até a porta de uma igreja. E aqueles padres todos diziam missa um atrás do outro, um atrás do outro...

NT - A senhora teve uma formação religiosa forte na sua família?

MP - Não, mamãe era... mamãe não era nem praticante, era católica, tinha muita fé, mas não era de ir à missa, não era de ir à igreja muito não e eu fui criada assim. Mas eu, de mocinha, depois de mocinha, eu freqüentei muito a igreja.

NT - O Dr. Belisário também não era muito de igreja não, né?

MP - Papai não era não, não era não, mas era muito respeitador. A formação das minhas tias, da família da minha mãe era muito religiosa. Agora, depois eu estudei e fiquei, fiz muita coisa pela igreja. E sou católica praticante. Ainda ontem, anteontem, teve uma reunião aqui porque aqui no Rio tem um trabalho que chama-se Equipe de Nossa Senhora. São seis ou sete casais que se unem e trabalham juntos, estudam juntos religião e fazem benefícios, dão roupa pra pobres, costuram pra pobre, e enfim, e todo mês há uma reunião na casa de um dos casais. E essa reunião é com missa, de noite, o padre vem, diz a missa, depois há a ceia, depois se reúne pra combinar lá os assuntos. Outro dia foi aqui em casa. O Padre é um padre aí do subúrbio, um franciscano que eu soube, fã de São Francisco de Assis e ele vem dizer missa aqui e nós tomamos comunhão.

Eu sou fã de São Francisco de Assis, ele foi um renovador no tempo dele, em mil duzentos e tantos, a igreja estava uma safadeza que não tinha tamanho. Era convento de freira, misturado com convento de frade, era um pagode, sabe. São Francisco botou na linha, mas não é que ele fosse... ele, ao contrário, era de uma humildade... pobrezinho, humilde, a história dele é linda.

Mas a vida nossa foi assim, nós viemos pra aqui e depois mudamos pra casa no outro bairro, ali nesse outro bairro nasceu minha última irmã.

NT - Na Tijuca, né?

MP - É, na Rua Conselheiro Barros, na Tijuca, e ela começa na Rua do Bispo e acaba na Rua Barão de Sertório, é uma rua pequena, e tinha um grupo de casas conjugadas, de duas a duas assim, nós morávamos numa dessas.

NT - Agora me diga uma coisa d. Maria, do primeiro casamento a senhora conviveu muito com a sua irmã Celina, né? E do segundo casamento assim com idade mais próxima da senhora é...

MP - Tem uma viva ainda, a Ernestina, que foi a primeira filha... não, primeiro foi um menino que morreu ao nascer, depois veio essa menina chamada Ernestina que está esclerosada coitada, ela é professora formada em Escola Normal, ela é muito inteligente também. Teve seis filhos, casou e teve seis filhos, depois vinha a Eunice que casou com um paulista médico, Renato Kehl, depois vinha a Lígia que casou com um médico, que trabalhou lá no... em Botafogo, Nicanor, trabalhava lá no Instituto. Depois vinha a Julinha que casou com um engenheiro que trabalhou na General Electric, tem o João que é o pai do João Carlos, depois vinha a Helena, que casou com um rapaz que era formado em Direito e teve duas filhas e dois filhos e, por último, veio esse meu irmão chamado Oswaldo que foi, mamãe fez tanto mimo que ele não deu pra nada. Inteligente que só ele, mas não quis estudar coisa nenhuma, lia muito, vivia lendo, era muito inteligente, morreu moço, moço, morreu dormindo. Acho que teve uma síncope, sei lá, tava dormindo, quando minha irmã

foi lá chamar ele pra trabalhar, ele trabalhava em repartição pública, mas ir lá duas vezes por semana, ele tava morto.

NT - A senhora estava comentando hoje, o fato das suas irmãs casarem com médicos, a senhora lembra dos médicos que nesse período mais da sua infância que freqüentavam mais a casa do seu pai, que tinham mais amizades?

MP - Tinha um italiano, tinha um que era, como é que é meu Deus? Ele não era daqui não, era de São Paulo, mas estava vivendo mais aqui no Rio. Como é que era mesmo o nome dele? Eu já não me lembro mais do nome deles não... Dr. Pinotti, agora lembrei. Dr. Pinotti, era um bonitão, um moço bonito forte, mas acho que não acabou aqui no Rio não, acho que ele foi embora pra São Paulo. Tinha o Dr. Pinotti... tinha muitos, era um monte de homem minha filha.

NT - E o Dr. Renato Kehl?

MP - O Renato, o Renato conheceu, foi através lá de São Paulo, ele conheceu minha irmã, ela foi lá na casa da família dele, nós tínhamos conhecido aqui... Não, o meu irmão casou-se com uma Kehl, e de vez em quando minha irmã ia lá com ele, aí conheceu o Renato e daí nasceu o namora e eles se casaram. Tiveram dois filhos, um está vivo até hoje, é engenheiro, mora em São Paulo, muito bem casado e o outro chamava-se Vítor Luiz, e quando ele tinha uns doze anos ele foi passar umas férias na fazenda de meu pai, aí no Estado do Rio, perto de Vassouras. E lá ele ficou doente, ele foi picado por carrapato na perna, três dias depois, estava morto. Teve uma infecção dessas, naquele tempo não existia nada que fosse possível pra combater infecção. Morreu com doze pra treze anos, lindo de morrer; eu quase morri quando ele morreu. Ele vivia com a minha filha, a Lina, minha segunda filha, o dia inteiro lá em casa, fazendo artes e mais artes, morreu com doze pra treze anos. Três dias. Uma sepcemia daquelas brabas.

Eu tive três irmãs casadas com médicos, casadas com médicos, a outra era casada com advogado e a outra com engenheiro e a Celina que foi grande auxiliar de papai, foi secretária dele muitos anos, essa não casou. Ela gostou muito de um rapaz quando era

moça, esse rapaz morreu também, ele teve apendicite e o médico que tratava dele mandou dar laxante, purgante. Foi a morte dele porque com apendicite não pode de jeito nenhum dar isso. Ela nunca mais casou.

NT - Que coisa, né? Muitos casos de doença infecciosa, né?

MP - É. Eu tive apendicite, fui operada e não tive nada, mas também fui operada por gente inteligente, né? Eu estava em Icaraí, já estava casada, estava com as duas filhas lá num hotel em Icaraí, quando eu comecei a ter dores muito violentas, muito fortes, aí eu telefonei para a mamãe aqui no Rio e meu tio foi lá, ele era o meu parteiro e médico também, né? Ele foi lá, me examinou e disse: “Você tá com apendicite, vamos pro Rio que eu vou te operar.”. Eu vim pra aqui, operei e não tive nada vezes nada. Passei muito bem.

De vez em quando, a gente ia lá pra uma pensão em Icaraí, com as duas meninas, eu e meu marido, passava lá um mês tomando banho... Apesar de que eu de mar, quero é distância, né? Sou bem mineira, minha filha, bem mineira! (risos). O mar é só ali na beirinha, uma ondinha, onde ficam as crianças pequenas, eu tenho pavor do mar, pavor.

NT - Agora, o Dr. Belisário, além da dedicação ao trabalho, como é que ele se distraía...

MP - Em casa ele gostava muito de ouvir disco. Lá em Juiz de Fora nós tivemos um dos primeiros gramofones, um de roda assim, que era um cilindro, ele ia rodando e a agulha ia passando assim, o cilindro rodava e a agulha ficava lá. Papai tinha (?) com música, papai gostava muito de música principalmente óperas; depois nós tivemos mesmo um gramofone daqueles modernos, de disco, mas dos mais antigos e papai fazia um teatro! Ele gostava de uma música! Por exemplo a Aída de (?), ele ajoelhava no chão, beijava o disco... fazia uma encenação medonha, ele gostava muito de música... música, ópera.

NT - E política? Antes do integralismo ele comentava sobre isso?

MP - Lá em Juiz de Fora ele foi muito político, ele foi veador, ele foi presidente da Câmara, depois ele largou. Ele só se entusiasmou quando veio o integralismo e não deu outra, né?

Foi pra cadeia. Apesar da gente falar com ele: “Não se meta nisso papai, isso não vai dar certo”, “Ah vai dar, vocês vão ver, vai haver isso e aquilo. Vocês vão ver”, aí ele se desgostou muito e não se interessou mais por nada. Ficou, comprou uma fazenda aqui no estado do Rio, perto de Vassouras e aí começou a trabalhar lá perto da fazenda e lá morreu. Levantou de noite pra beber água, felizmente, mamãe tinha pedido ao feitor da fazenda pra dormir dentro de casa porque ele estava sozinho na fazenda e a casa era muito grande. Ela pediu pra ele dormir dentro de casa e se papai precisasse de alguma coisa era pra atender; ele levantou foi na geladeira, encheu um copo de gelo, botou água, quando estava bem gelada ele bebeu. Quando bebeu, bateu: teve um derrame.

NT - Mas antes disso ele sempre teve boa saúde e...

MP - Ah, muito boa saúde, a não ser... ele teve duas vezes, erisipela, a perna ficava inchada, mas era coisa passageira. Ele tomava uns remédios na época e ficava bom, mas fora disso eu nunca vi papai doente.

NT - Nem mesmo no período da gripe espanhola...

MP - Nada disso, nada. Era um homem muito forte e muito saudável. Mineiro, né? Era um mineiro bom! (risos).

?? - O Eduardo falou do trabalho dele na hospedaria de imigrantes...

MP - Lá em Juiz de Fora.

?? - Quais os outros lugares que ele trabalhou como médico nessa época?

MP - Olha, que eu me lembre só aqui no Rio quando ele foi, o que chamava de Inspetor Médico quando começou o trabalho de febre amarela aqui, mas ele nunca foi clínico, nunca trabalhou em...

ET - Ele nunca trabalhou em outros lugares ali em torno de Juiz de Fora?

MP - Bom, eu era muito criança. Que eu me lembro, dentro dos fatos que contavam, era a história dos imigrantes. Que ele cuidava dos que ficavam doentes, ele tratava e lá em Minas, quando nós moramos lá em Lassance, na ponta dos trilhos, ele atendia aos doentes lá, pessoas doentes ele atendia. A maioria era tudo de gente picado por barbeiro e que criava papo e ficava... porque o barbeiro produz um desenvolvimento das glândulas aqui, eles ficam com um papo enorme, uma coisa terrível. Ele dava os remédios, naquele tempo não se conhecia tratamento, não sei se hoje existe tratamento pra barbeiro, não sei se ainda existe é o barbeiro hoje, será que existe aí pelo interior?

NT - Existe.

MP - Existe?

NT - Existe bastante.

MP - Porque hoje as casas melhoraram, as viagens que eu tenho feito... Eu fui pra Belo Horizonte, minha neta mora lá. No caminho pra Belo Horizonte eu vi todas aquelas casas bonitinhas, caiadas, limpinhas, aquele sitiozinho... Porque antigamente era reboco jogado assim nos buracos da, o pau trançava assim e jogavam um barro ali e ali é que os barbeiros se escondiam naquelas casas de taipa, como chamavam, né? Eles se escondiam ali e depois iam morder de noite as pessoas, e dava aquela doença horrorosa. Cada papo! Meu Deus do céu! Aquilo crescia que ficava pendurado aqui, afetava também um pouco a cabeça, eles ficavam meio assim, não digo que ficassem malucos, mas ficavam assim meio abobados, meio, a gente falava e ãhn, ãhn, ãhn, tinham assim uma reação, sabe? Eu vi muito lá em Lassance gente que vinha consultar com papai assim.

NT - A senhora foi prá lá menina, né d. Maria? Pra Lassance?

MP - Eu nasci em Juiz de Fora.

NT - Sim, eu sei, mas a senhora foi pra essa viagem...

MP - Ah, fui, nós ficamos lá um ano e três meses nessa casa, eu era a mais velha, aquele bando de irmão pequenininho e eu é que tomava conta daquilo pra mamãe poder descansar, ela foi pra lá com uma barriga desse tamanho e lá é que nasceram as irmãs gêmeas. A primeira nasceu normal, a segunda tava virada, de cabeça pra cima, papai sozinho, que nunca foi parteiro na vida dele, com um livro de medicina aqui na frente, lendo e fazendo o parto dela. Mas conseguiu! As duas se salvaram, Maria e Ondina.

NT - Foi o primeiro parto que ele fez?

MP - Maria e Ondina que foram chamadas, mas mamãe não teve leite pra alimentar e (?) contratou uma crioula de tamanho de um poste, com os seios deste tamanho e foi ela que alimentou as duas meninas e ficava uma num seio, a outra no outro seio, de tanto leite que ela tinha. E a casa era uma casa boa, grande, chão de tijolo, teto de zinco, janela com guilhotina, mas em vez de vidro era pano. Lona branca esticada, por cima. Olha, viveu-se ali com uma saúde extraordinária, um clima muito seco, muito bom. Papai chegava em casa e dizia: “Mariquinha, hoje vem aí dois deputados e não sei mais quem pra almoçar quando o trem chegar”. O trem chegava entre meio dia e uma hora. Ah, minha mãe ficava nervosa: “Meu Deus, Belisário o que que eu vou dar pra essa gente comer?”, “Pera aí minha filha”. Saía com o capataz, vinha cheio de perdiz, de codorna, de não sei mais que, veado, tudo quanto era bicho ele ia caçar e a cozinheira aprontava aquilo tudo e pronto: era aquele banquete, aquela gente, eu nunca botei a boca em nenhuma dessas coisas, não houve jeito de eu nem provar. E comiam ali aquele bando de gente

NT - E a casa era (??)?

MP - Ele mandou fazer um telhado, uma espécie de caramanchão, mas só que comprido, telha com zinco e a mesa comprida em baixo, onde ele convidava as pessoas.

NT - E a casa era muito freqüentada por políticos de lá...?

MP - Só dos que estavam de passagem e lá tinha, na nossa casa tinha visita que era, porque estavam construindo a estrada de ferro pra Pirapora, então moraram lá três engenheiros com as famílias, 3 ou 4 engenheiros que moravam em casas próprias também, casas boas, direitinhas, e o chefe que era o Dr. Paulo Azevedo que era um engenheiro chefe que também morava numa casa muito boa, muito grande, também era muito freqüentador da nossa casa. Eu com 13 anos tive uma paaaixaaão por ele, ele era um homem de 30 e tantos anos e eu uma menina de 13 anos achava ele lindo de morrer, (risos) ai como a gente é boba, meu Deus! Era boba, hoje não se é mais não, né?

ET - E Carlos Chagas? Quando a senhora morou em Lassance...

MP - Ah, ele esteve lá, foi lá que, que descobriram o barbeiro, o tripanossoma do barbeiro e papai estava olhando o microscópio e disse: “Seu Chagas, tô vendo uma coisa aqui que eu não conheço”, o Dr. Chagas deu até um pinote: “Meu Deus, um tripanossoma!”, só existe um na África que causa a moléstia do sono, né? Daí aquela descoberta, ele ficou afamado, era compadre de papai, ele e a senhora eram padrinhos de uma das minhas irmãs.

NT - E eles eram muito amigos?

MP - Eram muito amigos, toda a vida foram, e ele morava, eles dormiam num vagão. Era um vagão grande desses de estrada de ferro. Mas tinha uma parte que era um laboratório...

Fita 2 – Lado A

MP: E o pessoal do lugar, não é? Que ficavam doentes, tinham impaludismo, tinham isso, tinham aquilo, vinham consultar com ele porque. Desde que seja doutor eles não querem nem saber se é médico ou se não é, tem título de doutor tem que saber das doenças, não é? Agora, papai nunca tinha feito clínica assim, mas ele consultava aqueles livros, aquelas

coisas e ele mais ou menos, ele ia receitando sempre coisas bem simples; muito chá porque esse pessoal da roça gosta muito de chá, não é?

NT: E ele era a favor do uso desses chás, o Dr. Belisário? Ele recomendava para a senhora?

MP: Ele recomendava assim: “Qual é o chá que você está acostumado a tomar quando você tem dor de barriga?” Aí o homem dizia “é chá de...”. “Então, meu filho, continua que é muito bom, faz muito bem”. O que ia fazer? Lá no interior não tinha uma drogaria onde pudesse achar esses remédios e não havia mesmo essas complicações de remédio que se tem. Antigamente era Elixir Paregórico, era o que se usava e olhe lá. Esses remédios modernos agora. Eu estou tomando um remédio porque eu tive um derrame, não é? Há três anos atrás eu tive um derrame, mas foi fraquinho, não deu pra ficar paraplégica não. Eu fiquei com um lado, esse lado aqui não tem a mesma força que esse, mas eu mexo, eu faço tudo.

E eu vejo agora os remédios, que remédios mais complicados. Meu Deus! Eu tenho que tomar sempre, não é? Engraçado, eu levantei, eu ia ao hospital onde meu genro trabalha pra tirar sangue, não sei mais para quê que eu ia tirar esse sangue. Eu estava no banheiro. Aí eles disseram assim, que eu gritei pela Elza: “Elza!”, quando a Elza chegou lá, eu já estava caída no chão. Sem sentir, sem ver nada, passei uma porção de dias sem ver nada, depois aos poucos, eu fui começando a ver coisas, passei, passei num tapete. Aí meio passeava nas minhas ‘coisas da cabeça’. Ia parar na porta do cemitério do Caju, voltava. Tudo sentada num tapete igual àquele tapete mágico, das histórias de criança. (risos) Eu acho que aquilo ficou na memória, não é? (risos). Mas graças a Deus fiquei boa, a cabeça está boa, a memória está boa...

NT: É, a gente está vendo. (risos)

MP – Estou com uma esperança louca de ver a passagem do milênio! (risos). Quem sabe, não é?

NT – Claro que vai. Mas D. Maria, desse período que a senhora esteve lá em Lassance, o que a senhora se lembra assim, além desse trabalho do Dr. Belisário de atender às pessoas?

A senhora estava nos falando também da descoberta do Tripanossoma. Como é que era o dia a dia dele lá? A senhora acompanhava? A senhora ia ver o trabalho dele?

MP: Papai? Bem, ele trabalhava o dia todo nesse tal carro que era dele lá, fazia lá uns estudos, e foi aí que ele viu, ele não sabia o que era, porque ele não era cientista. Então, ele chamou o Dr. Chagas que aconteceu que estava lá nessa ocasião. O Dr. Chagas deu um pinote, ficou entusiasmadíssimo, porque só existia um na África que trazia a moléstia do sono. E ficou uma descoberta, não é? E fora isso, papai, ele estudava e trabalhava no laboratório, ele estudava, ele que saía pra caçar. Ele saía muito pra caçar, pra trazer material pra casa, não é? E pegava muito bicho pra mandar pro Instituto Oswaldo Cruz.

Nós tivemos em casa, cobra, tivemos tatu, tivemos uma ema. Uma ema ficou num quintal... Tinha um quintal assim no fundo da casa e janela da dispensa dava pra este quintal. E tinha uma réstia de cebola pendurada na janela que mamãe botou porque era mais fresquinho pra não apodrecer. A ema chegava lá e dava uma bocada numa cebola inteira e você via a cebola descer pelo pescoço dela assim; aquela bola descendo, inteirinha, ela comia... Uma ema grande, forte. Tudo isso papai mandava aqui pro Instituto Oswaldo Cruz, os bichos que pegava lá. Tatu. Tatu, mas meu Deus, o tatu cavou um buraco em menos de um minuto. Foi preciso dois homens pra tirar ele de dentro do buraco (**A depoente tenta imitar o som do tatu cavando o buraco**)

NT: O tatu era hospedeiro também, não é?

MP: Era, o tatu também, mas lá, minha filha, a maioria das casas era o que se chamava de casa de taipa. Era trançado de madeira e barro jogado assim. Ali pro barbeiro, era uma beleza, não é? Ele se escondia naqueles buraquinhos todos e de noite saía pra morder o pessoal. E não doía a picada, só tinha os resultados depois, mas era muita gente, dava dá de ver: criança, pálidas, com um barrigão enorme, uma coisa de dar dó. Eu vi muita gente assim...

NT: E eles propunham alguma coisa pra fazer nas casas?

MP- Esses assim já muito doentes não procuravam. Nós tínhamos uma cozinheira, muito boa, era uma pessoa de cor, uma mulher já mais idosa, não era velha não, mas já era uma mulher de uns quarenta e tantos anos. Ela morava perto de casa e vinha todo dia pra fazer a comida e cozinhas muito bem, mas muito bem mesmo. E ela andava com uma saia, minha filha, que arrastava no chão. Aquelas saias antigas... E aquela barra da saia, ela tava dura de barro de tanto ela andar no chão com chuva. Aí mamãe falou: “Mas ô tia Bernardina, mas por que você não lava essa saia?”, “Para quê, Dona Mariquinha? Pois eu vou andar na lama outra vez!” (**risos**). Ah, mas essa gente é muito engraçada. Eles têm lá uma filosofia... Mas foi muito bom pra nós, cozinhas muito bem, e era fogão de tijolo, aquele fogão de tijolo. Botava a chapa de ferro assim e lenha naquele buraco. E tinha forno fora que papai mandou fazer, um fornão daqueles antigos que a gente enchia de fogo, de lenha e quando tava bem quente assava bolo, assava pão, tudo ali dentro. Tirava o fogo e botava dentro. Porque eles eram de tijolo bem grosso e conservava muito o calor. E ali a gente assava bolo, e às vezes até porco, peru... Tudo era assado ali, naquele fornão grande.

NT: A senhora comentou uma coisa que eu achei interessante que a senhora comentou que o Dr. Belisário não era cientista.

MP: Não. Ele era médico e ele como médico e um homem muito inteligente, alguma coisa ele entendia, não é? Mas não era cientista de ficar em cima do microscópio, ali não sei o que lá, aquela coisa toda... Vocês estudam isso, é? Vocês dois? (**A depoente se dirige a Eduardo Thielen e Ricardo Augusto**)

NT: Não, todos nós somos de História e Sociologia.

MP: E por que vocês trabalham no Instituto Oswaldo Cruz?

NT – (risos) Agora é a senhora que vai nos perguntar também? (risos) Está bem, a gente veio justamente pra recuperar essa história da saúde.

MP: Eu pensei que vocês todos eram estudantes de Medicina. (risos)

NT – Não! Todos nós somos da área de História e Sociologia. Têm médicos também trabalhando conosco.

MP: História é uma beleza!

NT: Mas a nossa ideia...

ET - É fazer história da medicina.

NT: Agora D. Maria, eu perguntei sobre cientista, até para saber mesmo se isso, o fato do Dr. Belisário conviver com cientistas que faziam pesquisa em microscópio como a senhora falou...

MP: Ele não era cientista, ele trabalhou com cientista, não é?

NT: E ele alguma vez, a senhora lembra dele se queixar de ser menos valorizado do que os outros cientistas? Havia um clima de competição, assim, a senhora lembra?

MP: Eu acho... Eu não gosto de falar, o pessoal já morreu todo, mas que ele foi muito abandonado foi. Pelo trabalho que ele fez. Só o trabalho que ele fez, só o combate à febre amarela, ele merecia uma medalha. Ele foi de uma dedicação sem par. Mas já passou, já passou. Acabou. Ele já acabou, não é? Acho que ele merecia ser mais conhecido, eu acho. Acho que ele merecia ser mais conhecido pela luta que ele teve quanto à febre amarela, e contra à varíola e de melhoria desse Rio de Janeiro com aquelas casas horríveis, sujas, maltratadas, que ele brigava, zangava, brigava pro proprietário consertar. Eu acho que ele merecia ser mais conhecido, mas não faz mal não. Tem gente...

NT: Mas ele fazia esse comentário assim, a senhora lembra dele fazer algum comentário sobre reconhecimento?

MP: Não, nunca abriu a boca pra se queixar de nada. Nunca. Nem do Dr. Chagas que foi muito ingrato com ele. Nunca citou o nome dele nem como membro auxiliar, nunca. E o Dr. Chagas era padrinho de uma das minhas irmãs, a mulher dele que era um amor de pessoa, era madrinha da minha irmã e ele era muito chegado à nossa família, não é? Lá de Juiz de Fora, o pessoal todo era de lá, mas isso já passou... O chefão lá de cima sabe...

RA - Eles chegaram a estudar juntos?

MP – Não. Papai formou-se na Bahia e o Dr. Chagas estudou, me parece, que aqui no Rio de Janeiro. Quem era muito amigo de papai, que reconhecia as qualidades dele, era o Dr. Oswaldo. Esse sim. Esse foi um amigão. Muito bom, muito bom mesmo. E eu fiquei amiga da filha dele até ela morrer. Ela casou-se com médico também que era oculista.

NT: A Liseta, não é?

MP: Liseta, é. O Dr. Oswaldo foi um homem muito bom, foi muito bom pra papai, muito amigo, reconhecia as qualidades de papai, sempre reconheceu. Eu sempre fui muito grato a ele, eu me dava muito lá, eu era íntima da casa, da família. Dormia lá, passava dias em Petrópolis, na casa deles. Ele era muito... Dr. Oswaldo era muito... Não era de grandes expansões. Papai era muito aberto, falava, conversava. O Dr. Oswaldo era mais calado, mais quieto, mas a gente sabia como era o jeito dele, então. A família dele muito boa, sempre foi muito minha amiga. O filho dele mais velho teve uma paixonite aguda por mim quando eu era moça e ele também, mas eu não... Não achei gosto (risos). Ih, mas ele gostava de mim demais, o Bentinho, Bento, chamava-se Bento. Eu, até a Liseta morrer, éramos muito unidas, muito amigas.

NT: Ela morreu há muito tempo?

MP: Já há muitos anos. Ela teve qualquer coisa de coração. E eles têm o hábito, lá na família Oswaldo Cruz, de amortilhar o defunto. A pessoa... enrolam num lençol e pregam tudo, e fecham aquilo tudo, você não vê, fica aquela múmia lá em cima.

Quando a Liseta morreu que me telefonaram, eu saí feito uma bala, quando eu cheguei lá, ela já estava toda enrolada num lençol... Não pude nem ver a carinha dela! Ela era menor do que eu, mais baixinha do que eu, moreninha, ela era bonitinha.

NT: E por que será que eles fazem isso?

MP: Sei lá minha filha, é costume de família. Deve ser da Idade Média ainda, não é? Na Idade Média é que amortalhavam as pessoas. Eu... Eu acho que têm pessoas que não gostam de ver, acham falsidade, como eu conheço gente que acha que é falso quem vai ver defunto. Eu também... Certas coisas eu também reprovoo. Eu fui a um enterro uma vez de uma pessoa que tinham posto um lenço no rosto e chegou uma lá: “Deixa eu ver”. Ver o quê, meu Deus? Ver uma pessoa morta? Isso é coisa que a gente vai levantar um lenço pra ver? Isso eu sou contra. Agora, esse negócio de amortilhar e coser e fechar, coser com linha? Ah, eu sofri muito de não poder ver a Liseta pela última vez. Eu gostava muito dela, éramos unidíssimas. Temperamentos muito opostos, mas muito unidas. O Dr. Oswaldo também era muito bom, a mulher dele era muito boa também. O Bento, o Bentinho casou-se afinal com uma moça de uma família aí muito rica, que ela foi muito minha amiga também. Também morreu moça, moça.

NT: Agora voltando um pouquinho ao período que a senhora estava nos contando, Minas, não é? Que a senhora esteve lá...

MP: Lá em Lassance?

NT: Em Lassance... A senhora estava falando muito das casas, não é? Onde se alojavam os barbeiros...

MP: É... Eram casas justamente que não tinham o reboco, que não tinham essa pintura, tinha aqueles buracos. Era madeira, tira de madeira e barro metido naqueles buracos e ali o barbeiro se enfiava e mordida aquela gente de noite, quando eles estavam dormindo. A nossa casa era de tijolo, era feita com todas as regras, não é? A casa dos engenheiros também,

mas agora a casa do pessoal, do operariado coitado, era toda mais ou menos nesse estilo assim. A gente ainda vê, eu quando vou pra Belo Horizonte, bem que ainda vejo umas casinhas de taipa, chamava taipa, não é? Assim, por aí, pela estrada.

NT: E a senhora se lembra do Dr. Belisário comentar em casa alguma coisa sobre como é que poderia evitar aquelas doenças, principalmente a Doença de Chagas? Ele comentava sobre isso? A senhora tem lembrança?

MP: Bom, ele comentava da descoberta que tinha sido feita, que era aquele tripanossoma que chama, não é? Aquele Tripanossoma que era a causa da Doença de Chagas que só existia outro na África que produzia a moléstia do sono. Isso tudo papai falava, conversava muito com a gente, com os médicos. Eu ficava sempre na sala pra escutar os médicos conversarem, eu me interessava muito. Mas ele nunca, mas nunca abriu a boca pra pleitear, dizer: “Ah, mas fui eu que descobri o bicho”. Não. Nunca.

RA - O Chagas era padrinho de quem?

MP: Era padrinho de uma das minhas irmãs.

RA - Qual o nome?

MP: A mulher e ele. Eram os dois.

RA - Mas qual era o nome da sua irmã?

MP: Júlia.

RA - Júlia?

MP: É, já, quer dizer, ela está viva, mas está morta porque está completamente fora de órbita. Uma das mais moças, minha filha. Eu estou com 95 anos e ela está com quase 80,

mas está completamente esclerosada. Completamente. É uma criança! Tem que dar comida na boca, tem que mudar a roupa fazer tomar banho. Ah, minha gente! É preferível ir pro buraco, eu acho.

NT: E assim, desse período que a senhora esteve lá em Lassance, o que a senhora lembra assim de mais importante que aconteceu, que a senhora queira contar?

MP: Ah, o que acontecia lá mais importante era quando tinha banquete de gente que ia pra lá, deputado, senador lá de Minas, sei lá, que iam pra Pirapora e que mamãe fazia aquela mesa imensa. Era peru, era perdiz, era isso, era aquilo, tudo aquilo... Gente pra comer minha filha que Deus me livre! Sempre do lado de fora no tal telheiro que papai fez! Porque a casa não comportava... E as minhas irmãs gêmeas nasceram lá em Lassance. Papai sozinho, já sem prática nenhuma desse trabalho de parto, com o livro aberto em cima da cama, lendo e fazendo... Uma das irmãs nasceu normal, foi entregou pra gente, a gente cuidou e tal. A outra estava virada...

NT: Não tinha nenhum tipo de serviço médico lá?

MP: Nada. Só ele. Coitado ele...

NT: Ele passou a ser o médico local também pelo que a senhora falou?

MP: Ah isso ele dava, muita consulta pra aquela gente pobre que ia lá, dessas doenças banais, não é? Dor de barriga, indigestão, para o próprio impaludismo. Ele dava quinino, ele dava as pilulazinhas de quinino pra eles tomarem. Agora, coisa mais complicada, ele não fazia não. Ele só fez esse parto porque não tinha ninguém pra fazer.

NT: A senhora tinha nos falado também de uma inauguração que teve...

MP: Ah, de Pirapora. Quando a estrada de ferro chegou à Pirapora, nós fomos convidados todos pra ir: Papai, os engenheiros todos que trabalharam na estrada, e fomos num vagão

aberto, desses de carregar carga. Carga não; madeira, não é? Mas com cadeira, tudo com cadeira, a gente sentado ali. Foi bonita a viagem, muito bonita a viagem, não sei como é que está agora, mas era muito bonita. E chegamos lá em Pirapora era uma festança que não tinha tamanho! Estive nas margens do São Francisco. É um rio que você está aqui, você não vê o lado de lá. Você não vê a outra margem de tão largo que ele é... E corre aquele bonito, aquela... Essa glória eu tenho, de ter visto o Rio São Francisco e ter visto o Rio Amazonas, os dois, que eu fui ao Pará também e vi lá o Amazonas. Mas, houve uma festa muito bonita, lá uma mesona de doces e salgados, foguetório.

E na volta, nós voltamos já anoitecendo e um fato muito interessante. No meio do mato tinha uma planta que nasce assim na mata, que de noite é fosforescente. De maneira que ficava lindo, você olhava assim no meio do mato, aquilo tudo, aquela planta toda iluminada, aquele prateado, não é? Não sei que planta era aquela não. Mas Pirapora naquele tempo era uma, era uma vila, não é? Não era uma cidade ainda. Mas eles fizeram o possível pra fazer tudo direitinho, muito bem. Muita festa, muito foguete...

Eu já viajei: eu já vi o São Francisco e já vi o Amazonas, que eu estive em Belém do Pará quando papai... Dr. Oswaldo foi chamado pra combater a febre amarela no Pará, papai foi um dos médicos que foi, porque ele já tinha uma prática danada daquilo, não é? E depois que a febre amarela foi debelada lá, ele pediu pra eu ir lá porque ele tava com saudade da família, ele foi sozinho. E lá fui eu. Mamãe ficou furiosa.

NT: A senhora foi sozinha?

MP: Eu fui com uma família de Minas que ia pros Estados Unidos e que parava, e que o navio parava no Pará, não é?

NT: A senhora tinha quantos anos? A senhora lembra?

MP: Ah, aí eu já era mocinha, já estava com quinze anos. E eu fiquei lá com meu pai, na casa onde moravam uns onze médicos que tinham ido aqui do Rio, moravam nessa casa. Inclusive um mineiro, um mineirão daqueles de boca mole, de um lugar chamado Feijão Verde, que se apaixonou por mim! (**risos**) Ah, menina, como eu fugia dele feito o diabo

(risos). Imagina se eu ia casar com um homem que nasceu em feijão verde! Ah, ele era mineiro, daqueles de falar mole assim... (risos). Mas ele foi muito boa pessoa! Mas o papai foi muito bem-quisto no Pará. Eu visitei as melhores famílias. Menina, mesa servida por garçom de luva! Mesas elegantérrimas. Porque aquela gente do Pará, aquelas famílias ricas, vinham muito aos Estados Unidos porque era um instante, não é? Pra ir pra lá, então um luxo nas casas. Eu queria que você visse.

Mas eles combateram, acabaram com a febre amarela lá no Pará. E lá também tem uma coisa, não é? Todo dia às quatro horas desaba uma chuva que molha tudo, mas o calor desaparece, porque até às 4 horas é um calor horrível. Aí desaba aquela chuva. De noite, a noite é agradável.

NT: Quando a senhora conheceu...

MP: Agora, era uma cidade bem adiantada quando eu estive lá. Muito boa! Toda calçada, com bom aspecto, bons prédios, muita gente rica que... Enriqueceu com a borracha, não é?

NT: Quando a senhora foi pra lá eles já tinham debelado a epidemia, não é?

MP: Ah, já!

NT: Já tinham mais controle, não é?

MP: É, e não há mais. A febre amarela hoje aparece um caso ou outro aí no interior, aí nesses matos, nesse lugar, porque não há. Aqui no Brasil acho que não existe mais não. Apesar de que quando a gente vai pra Europa ou vai pra qualquer lugar fora, tem que vacinar contra a febre amarela. Essa última vez que fui à Europa tive que me vacinar contra a febre amarela.

NT: Agora uma curiosidade Dona Maria, esse período que a família ficou em Lassance e depois a senhora indo para o Pará, como é que ficava a questão dos estudos, por exemplo?

MP: Ah! Mais aí é que está minha filha, eu fiz o curso primário inteiro numa escola pública, mas como dizem que eu sou inteligente, eu aprendi muita coisa, não é? Depois eu lia sem parar. Você nunca me encontrava sem um livro na mão e isso ajuda muito a gente também, não é? Depois, quando eu tinha os meus 16 anos, eu estudava num colégio alemão, na Rua do Bispo, lá no... Estudava inglês, francês, alemão, geografia, história. Eu só gostava de geografia, história e as línguas; matemática eu não gostava. Aí eu estudei muito, me interessei muito, a professora fazia a gente ler um livro em inglês, um romance, uma coisa bem interessante e depois contar o que lia que é para treinar a falar, não é?

O francês eu aprendi desde menina na casa de meu avô, o inglês eu estudei no colégio. Agora, o alemão eu estudei bastante. Eu já escrevi, eu tinha correspondente, moças, rapazes, na Alemanha, com aquela letra horrorosa que eles tinham antigamente, não é? Mas quando veio a guerra, eu fiquei com uma raiva tão grande que deixei tudo! E alemão minha filha, se você não treinou, esqueceu. É muito difícil.

NT: A senhora era menina na época da Guerra, bem menina, não é?

MP: Não, eu era mocinha, já estava com 16 para 17 anos, estava já no colégio, já adiantado, não é? Mas eu fiquei com uma raiva dos alemães!

NT: E Dr. Belisário? Comentava alguma coisa?

MP: Papai também, ele era todo do lado do... Ele foi educado por uma francesa, não é? Era todo do lado dos aliados. Quem que podia gostar de um povo daquele? De um Hitler? Quem podia gostar de um Hitler? Está doido! Quem é que está falando, hein? Ô Elza, você está aí? Ah, eu nem vi que você estava aí!

NT – **(risos)** Agora a senhora estava nos falando do Pará, eu fiz a pergunta sobre a escola porque me chamou a atenção, não é? Vocês ficaram nesse período em Lassance, sem recurso nenhum, como a senhora falou, de médico, de escola, não é? E a senhora estava contando...

MP: Mas eu já lia muito bem e então o irmão de meu pai, que gostava muito de mim, mandava montes de livro pra lá e eu devorava aqueles livros todos, principalmente Júlio Verne. E eu aprendi muita coisa porque Júlio Verne a gente lê e aprende, não é? Porque ele foi um homem fantástico, não é? Os livros dele todos têm muita coisa pra se saber, pra se aprender.

NT: Agora do Pará que a senhora foi para os Estados Unidos também, não foi isso?

MP: Não.

NT: Para a Europa?

MP: Para a Europa, com o Dr. Oswaldo. Estados Unidos eu fui depois quando minha filha estava lá, a irmã da Elza que é intérprete e morava lá, eu passei lá uns tempos.

NT: E essa sua viagem para a Europa, o Dr. Oswaldo, a senhora lembra o que ele foi fazer na Europa?

MP: Dr. Oswaldo foi conosco, não é? Eu, ele e a filha e quando chegou lá em Paris, a primeira coisa que ele fez, foi tomar um curso para nós duas, para aprender a fazer trabalho sobre estanho, sobre couro do outro lado de Paris. A gente atravessava o Sena, na ponte, e ia pro Quartier Latin, que é o bairro dos estudantes, das... e tínhamos uma professora muito boa, uma moça muito simpática, muito educada. Ela só ficava admirada, virou pra nós e disse assim: "Me diz uma coisa, lá no Brasil vocês tomam banho todo dia?". Eu disse: "Claro que tomamos! Banhos todo dia, às vezes até dois!", ela disse: "Mas isso gasta a pele". Menina, gastar a pele tomando banho? Porque francês não gosta de banho não, não é?

NT: E o Dr. Oswaldo tinha ido fazer o que na Europa?

MP: O Dr. Oswaldo tinha... Sei lá o que ele tinha ido fazer, eu não perguntava não.

NT: A senhora queria ir pra Europa, não é?

MP: Não, ele foi para... ele tinha conferências. Uma vez eu me lembro que nós fomos a um jantar no Bois de Bologne com uma porção de senhores, médicos, tudo. Nós na mesa do jantar, era ao ar livre, no Bois de Bologne tem muito restaurante ao ar livre e nós, eu e a Lizeta sentadas, e defronte à nossa mesa, estava uma mesa de oficiaiszinhos do Exército, bonitinhos, menina! Ah, era um pisca-pisca! (risos).

NT: A senhora era muito namoradeira, Dona Maria?

MP: Não, eu não, eu era muito tímida. A Lizeta que era muito namoradeira.

NT: Ah é?

MP: Ela disse: “Ah boba, olha pra ele”, eu disse: “Ah não, eu estou com vergonha! Não quero olhar não!” (risos)

NT: Não pensei que a senhora fosse tímida não.

MP: Eu era tímida para esse negócio de namoro. Fui criada num regime muito severo, sabe. Namorar era uma coisa muito feia, só pra casar. Se fosse pra casar tava bem, se não fosse...

NT: E a senhora se casou cedo?

MP: Ah não, casei com 22 anos completos. Tive as duas filhas e depois não tive mais. Graças!

NT – E quanto tempo à senhora esteve na Europa?

MP: Eu tive, a primeira vez que eu fui à Europa, eu passei lá mais ou menos um mês, quando eu fui com o Dr. Oswaldo. Depois eu fui numa excursão, depois de viúva e tudo, eu fui numa excursão que saiu daqui do Rio e eu demorei quase dois meses, quase três.

E a última eu fui quando o meu neto estava morando lá, estava morando na Suíça e eu fui lá pra vê-lo e aí nós, de carro, nós viajamos por uma porção de lugares: Itália, França, Inglaterra, eu tive na Inglaterra, adoro. Adoro viajar! Me bota num... Menos em avião, não é? Botou no avião, eu morro de medo. **(risos)** Mas tive que ir não tinha outro jeito, não é? Gostei muito da Suíça. É uma terra limpa, muito boa. Só que eles são muito desconfiados. Você entra num magazine daqueles da Suíça, daqueles maiores assim, tipo essas Lojas Americanas que nós temos aqui, o tempo todo uma mulher anda atrás de você! Pra onde você vai, ela vai, para onde você vai, ela vai para tomar conta, pra ver se você não vai roubar nada. Aí eu fiquei fula da vida, viu? A gente não está acostumada a isso aqui, não é? Mas a Suíça é muito bonita, muito bonita! Tem paisagens maravilhosas! Eu subi no Mont Blanc, não, Mont Blanc não. Como é que chama? Num monte daqueles que a gente sobre num trem, num trenzinho como aquele trenzinho do Corcovado com aqueles ganchos que vão pegando assim, e depois desce pendurado naquele fio, naquela pá, feito o do Pão de Açúcar, não é? Ah, mas é alto, mas é bonito lá de cima, você olhar aqui embaixo, é em Lucerna esse, esse. Eu descí meio assim; um senhor que vinha conosco quase desmaiou, ficou sentado, todo caído assim...

NT: E nessa sua primeira viagem à Europa que a senhora esteve na França, o que a senhora lembra?

MP: Eu lembro muito, nós passamos muito em...

Fita 2 - Lado B

MP: ...que é onde os estudantes vivem, nós passeamos muito. Mas não saí de Paris não, fui à Versalhes, fui àqueles lugares perto, mas não saí. As outras viagens é que foram de excursão então eu passei por uma porção de lugares.

NT: E na volta a senhora retornou ao Pará?

MP – Não. Não, vim pro Rio, vim pro Rio.

NT: Aí Dr. Belisário já tinha terminado.

MP: Papai ainda estava lá, ele veio depois. Eu vim pro Rio porque Dr. Oswaldo vinha pro Rio e eu vim para o Rio e depois a outra viagem que eu fiz, foi de excursão. Entrei numa excursão da Soletur, foi muito boa, foi muito boa, mas aí... é muita gente, não é? Mas é engraçado. A gente vê cada coisa! Nós visitamos na Itália, em Tívoli, que é uma cidade dos mármore, tem montanhas de mármore lá, de todas as cores que você possa imaginar, e tem uns mármore cortados assim lá, numa praça pra você ver e nessa cidade tem um jardim que foi feito por um Cardeal daqueles antigos, que tem 300 fontes. Cada uma de um feitio, cada uma num lugar. Você vai descendo, começa num alto, você vai descendo assim e cada lugar que você vai passando, tem uma fonte, uma baixa, uma alta, uma dentro da grotta, uma beleza! E a guia que era uma moça, uma senhora muito distinta ia contando. Vocês visualizem o Cardeal com aquelas roupas bonitas acompanhado por uma porção de senhoras muito bem-vestidas e ele mostrando o que ele tinha feito das fontes e vira-se uma senhora: “Ele ainda é vivo?”. Mas menina, a guia parou de falar. A outra tinha dito que era de 1400 e ela pergunta se o Cardeal ainda é vivo? Mulher de um General, minha filha. Espera aí! (**risos**). Foi assim, sabe o que é um branco? Todo mundo fica quieto assim... Mas era lindo, lindo. A Itália, toda ela, é muito bonita, muito bonita!

NT: Agora Dona Maria, quando o Dr. Belisário voltou do Pará para o Rio, a senhora lembra que tipo de atividade que ele voltou a fazer?

MP: Olha, ele não foi trabalhar mais na Saúde Pública porque eu acho que já tinha acabado a Campanha de Febre Amarela, não existia mais, ele fazia muita vacina na tal Delegacia de Saúde que eu te disse, ele ia vacinar o pessoal contra a varíola, não é? Porque a varíola ainda existia aqui, ele fazia muito isso, e ele fazia uma... Atendia pessoas doentes, pessoas...

Ele trabalhava muito, ele escrevia muito. Papai escrevia muito, escreveu vários livros, então ele ficava mais ocupado com essas coisas.

Já estava, mas velho, cheio de filhos, não é? Ele morreu na fazenda que ele comprou aqui perto de Vassouras, ele teve um, uma congestão.

NT: Os livros dele a senhora chegou a ler? A senhora se interessava?

MP: Não, ele não publicava, ele escrevia, mas não publicava não. Publicou muito folheto, eu tinha aí uns folhetos, não sei se eu emprestei. Tinha o Diário, meu irmão perdeu o Diário! Que ele contava essa viagem que ele fez pelo interior do Brasil em lombo de burro, de cavalo, meu irmão não sabe onde é que está, um Diário grosso assim, contando tudo que se passava, as estórias que aconteciam. Uma pena, porque ali estava um Diário maravilhoso, uma pena. Meu irmão não achou em lugar nenhum. Meu irmão ficou meio caduco também e eu acho que ele ou jogou fora ou não sei o que ele fez. O filho dele não encontrou o livro em lugar nenhum, revistou tudo, examinou, tirou os livros tudo e não achou o Diário muito interessante. Eu tive a sorte de ler!

NT: A viagem que ele fez pelo Instituto, não é?

MP: Para estudo de impaludismo, essas doenças horríveis, o mal de engasgo, que tinha aí no interior, não sei se ainda tem. Impaludismo, muito impaludismo.

NT: E ele falava muito sobre essas viagens com a senhora, em casa?

MP: Ele contava em casa, não é? As coisas assim fora do comum, ele sempre contava pra gente como era, não é?

NT: A senhora tava falando também, logo no início do trabalho dele na Baixada Fluminense...

MP: É, ele fez porque (**tosse**) havia muito impaludismo aqui na Baixada Fluminense porque havia muita vala, em vez de rio havia as valas de água parada, e é aí que o mosquito põe o ovo e depois vira, vem morder as pessoas, não é? E quando papai foi nomeado para a Saúde Pública, ele começou o combate aí, a mandar aterrar os lugares, e fazer rio, em vez daquelas lamas assim correndo, ele mandou cavar, fazer um rio e acabou com o impaludismo aí no estado do Rio, no subúrbio. Tinha muito impaludismo aí naquele tempo. Até hoje tem mosquito, mas o mosquito hoje não tem mais perigo, não é?

NT- E de verminose? Ele comentava muito sobre isso?

MP: Ah, também, isso também ele tratou muito, lá em Lassance ele dava muito remédio porque lá havia muita verminose, não é?

NT: E aqui no Rio? A senhora lembra dele comentar sobre verminose?

MP: Bom, consulta, se ele recebia doente, recebia na tal Delegacia de Saúde, não é? Em casa nunca foi ninguém pra se consultar.

(**Voz não identificada**) - Ele tinha umas fórmulas dele, umas pílulas para verminose.

MP: Ah tinha! Ele inventou lá umas pílulas lá pra verminose.

NT: Ah é? E ele que testou, ele que fabricou, fez a fórmula?

MP: Era coisa simples, remédio simples, não é? Que ele fazia as pílulas e deu resultado pra verminose, havia muita verminose aí pelo interior e aqui no Rio também. Eu não duvido que ainda tenha muita! Porque essas crianças que andam soltas aí, de pé no chão...

NT: Teve um período que ele dirigiu o Serviço de Profilaxia Rural. A senhora lembra?

MP: Foi, foi, foi aí nessa ocasião que ele fez o trabalho de drenar, drenar aquelas águas paradas, fazer em forma de água corrente. Foi quando ele dirigiu esse serviço aí no subúrbio, ele tinha uma porção de médicos também, auxiliares.

NT: A senhora chegou a alguma vez a visitar esses postos no subúrbio? Não, não é?

MP: Não, eu não visitei, eu só fui, nós fomos uma vez à inauguração de um Posto de Saúde lá em Santa Cruz... Foi Santa Cruz?

(Voz não identificada) - Não, foi Campo Grande.

MP: Campo Grande, nós fomos num carro, mandaram um carro, mas não chegava o tal do Campo Grande e eu disse ao chofer: “Me diz uma coisa: é antes ou depois do Amazonas, o Campo Grande?” (risos) Porque não chegava, que lugar longe! Como é que trabalha gente lá e vem todo dia para o Rio de Janeiro, meu Deus!

NT: E nessa época...

MP: Foi inaugurado um ambulatório lá, bem grande com o nome dele, que tratava dessas coisas todas que ainda têm aí, não é? Continua tendo um pouco, não é?

NT: E era muito pouco habitado nessa época, não é? Essa área de Campo Grande.

MP: Não, já tinha bastante casa já, já tinha rua, tinha tudo e o Posto era muito bonito, muito bem tratado. Foi inauguração.

(Voz não identificada) - Na Penha tem uma rua com o nome dele.

NT: Ah é?

(Voz não identificada) - Rua Belisário Penna.

NT: E lá teve um Posto também, não é?

MP: Teve, por esse subúrbio todo ele botou o, em cada lugar desse, tinha um médico com os mata mosquitos para fazer o serviço do local, não é? Que era impossível daqui da cidade, trabalhar lá no subúrbio.

NT: Ele conseguia sempre o apoio do governo para esse tipo de atividade?

MP: Olha, ele sempre conseguiu. Ele só não se deu bem com aquele... Quando é que ele foi preso?

(Voz não identificada) - Arthur Bernardes.

MP: Ah é, com o Arthur Bernardes, que era mineiro, mas que era uma peste! E deve estar espetado lá no fogo do inferno assim! Virando frango assado!

NT: Ele foi preso por fazer críticas ao Bernardes, não é?

MP: Foi, ele chamou o Bernardes de burro, num comício em Campinas, em São Paulo (risos). Ele chamou o Bernardes de burro e ele Presidente da República, não é?

NT: E ele ficou muito tempo preso dessa vez? Não?

MP: Ficou seis meses, me parece que...

(Voz não identificada) Ele ficou oito meses no Corpo de Bombeiros.

MP: É, ficou, não. Primeiro puseram ele numa prisão comum lá em Campinas, junto com vagabundo, com essa gente assim. Ele chamou o carcereiro: “Vem cá, está aqui o dinheiro: vassoura, sabão, um balde com água, que eu não vou viver nesse chiqueiro aqui!” E botou

todo mundo pra trabalhar, limpou a cela, botou a cela limpinha. Depois mandava buscar café e pão para os presos. Não espanta que ficou tudo do lado dele, não é? Todo mundo. Depois ele foi transportado aqui para o Rio e ficou no Corpo de Bombeiros, mas aí ele tinha quarto, era bem tratado e como ele não tinha nada pra fazer, ele resolveu reproduzir as casas que nós tínhamos, que nós morávamos, num papelão, fazendo todos os detalhes: as janelas, as casinhas, a minha eu tinha até há dois anos atrás, depois como era de papelão, gastou. Mas tudo direitinho ficava entretido fazendo aquilo, as casas todas. Foi muito bem tratado. No Bombeiro a gente podia ir visitar ele, ia lá, podia visitar, ele foi preso junto com... Como é que chama aquele homem? Que foi preso junto com ele? Era um grandão aí? De São Paulo e era um homem muito rico então esse homem contratou um restaurante pra mandar levar comida lá. Então, eles comiam comida boa, o restaurante mandava todo dia almoço e jantar para lá, pro Corpo de Bombeiros!

NT: E ele chegou a apoiar o movimento de São Paulo dessa época, não é? Que teve nesse período, não é?

MP: Ele apoiava, tudo que era coisa contra o governo ele apoiava. Era brigão mesmo. Eu assisti lá muitas vezes exercício dos bombeiros, exercício para chamada de incêndio: eles descem por um poste, minha filha! Não tem nada de escada não, é um poste que eles se abraçam assim, VU, vão até lá embaixo. Assisti muitas vezes, exercício, não é? Nunca vi uma chamada para incêndio. Mas papai foi muito bem tratado lá. E depois que ele saiu da prisão ele continuou as atividades dele na saúde pública?

NT: É, mais aí ele já estava... Ele estava mais para casa do que para trabalho. Já estava mais velho, mais cansado. Passou por muita decepção. Teve muita... Teve uma grande decepção com o Getúlio. Porque ele foi chamado pelo Getúlio para fazer saneamento lá no Rio Grande do Sul porque lá também tinha muito impaludismo e muito dessas coisas. Ele era amigo, até a senhora do Getúlio foi lá em casa me visitar e tudo, mas ele se decepcionou muito. E foi aí que ele entrou para o integralismo. Pensando que ia salvar o Brasil, mas ele é que foi para a cadeia.

NT: No início ele apoiou o Getúlio, não é? E ele...

MP: Ah, eles eram amigos de se visitar. E a senhora do Getúlio esteve na nossa casa. **(pausa)** Mas ele, depois ele foi ficando desiludido. Sabe, vai ficando mais velho, não é? Comprou essa fazenda, se metia lá, ficava lá quietinho, aí acabou a vida dele quietinho. Quietinho. Já cheio de netos. Ele foi, para mim, na minha opinião de filha, que é suspeita, não é? Ele foi um grande brasileiro. Um homem que se dedicou de corpo alma pelo povo do Brasil. Porque ele não era de altas camadas não, ele gostava era dos baixinhos, dos pobrezinhos. Lutava sempre pelo povo e para o bem do povo. **(O gravador é desligado)**

Data: 31 de agosto de 1990

Entrevistadores: Nísia Trindade Lima (NT) e Eduardo Thielen (ET)

Fita 3 – Lado A

NT - Vamos testar mais uma vez antes de começar então? Entrevista com a dona Maria Penna Satamine, estamos aqui na casa da dona Maria para mais uma entrevista pra o acervo da Casa de Oswaldo Cruz, hoje é dia 31 de agosto de 1990. Presentes os pesquisadores Nísia Trindade Lima e Eduardo Thielen.

Dona Maria depois daquela nossa longa conversa da última vez, a senhora contou um monte de coisas a respeito de suas vidas e falamos muito a respeito do Dr. Belisário Penna. Então a gente gostaria de começar de um ponto que a senhora falou em alguns momentos, mas nós não exploramos muito, que é a respeito da figura do Dr. Belisário enquanto pai. Como é que era o Dr. Belisário como pai? Como é que era a relação deles com os filhos?

MP: Bom pai era muito, não era muito de botar filhinho no colo, dar beijinhos, nada disso não. Ele era um bom pai, com uma moral muito boa, mas ele vivia mais pra o trabalho, a nossa minha mãe é que cuidou mesmo da gente, educação, ele vivia obcecado pelo trabalho. Primeiro foi o combate à varíola aqui no Rio de Janeiro e depois foi a de Oswaldo

Cruz no combate à febre amarela. E dedicou a isso de corpo e alma a vida toda até... Papai viveu na saúde pública até o governo do Getúlio, quando o Getúlio veio do sul, papai estava no Rio Grande [do Sul] fazendo saneamento lá, porque lá também havia muito impaludismo. E ele, o Getúlio que era governador convidou o papai pra ele fazer o saneamento lá no Rio Grande do Sul. E quando houve aquela revolução o Getúlio veio pro Rio o papai também veio e foi nomeado ministro da saúde, aqui no Rio.

Estava tudo muito bem até que houve aí uma pequena revolta, uma brincadeira da Escola Militar que era na Praia Vermelha naquele tempo. Os rapazes se revoltaram lá e tal, o exército teve que intervir, aquela coisa toda. E o pessoal queria que desse feriado o resto do mês, que as escolas fechassem por causa disso. E papai como era ministro da educação achou que não devia, porque o negócio durou uns três dias e eles queriam fiado até o fim do mês, não é? E ele não deu e o Getúlio queria que ele desse, fez questão. Então ele pediu demissão do cargo de ministro.

NT: Ele ficou pouquíssimo tempo, não é? Então nesse cargo, não é?

MP: É, ele não ficou muito.

NT: Ficou um ano, não é?

MP: É, mais ou menos. Aí depois ele não entrou mais na política, ele depois entrou foi pra o partido integralista, não é? Era integralista de coração. Foi preso, quando acabou o integralismo que fizeram aquela passeata que teve mais de, sei lá, mas de 100 mil pessoas andando na rua de blusa verde, aquela coisa toda, ele foi preso, porque era integralista, mas foi muito bem tratado. E o Oswaldo Aranha que era o ministro, não sei do que, devia ser da justiça porque foi buscar papai na prisão e veio com ele e o pessoal da polícia ficou bobo porque ele veio de braço dado com Oswaldo Aranha. Depois disso ele recolheu-se num... Comprou uma fazenda aí no Estado do Rio e foi viver na fazenda e tratar... Tratava do pessoal da fazenda, não é? Que havia impaludismo, essas coisas de roça e aí ele acabou os dias deles nessa fazenda.

NT: Antes dele assumir esse cargo no Ministério da Educação e Saúde, ainda nos anos 20, ele trabalhou com o Dr. Carlos Chagas no departamento de saúde pública.

MP: Em Lassance.

NT: Não, mais tarde um pouquinho. Em fins.

MP: Não, aqui no Rio ele não trabalhou com o Carlos Chagas não. Ele trabalhou lá fora, lá em Minas, na descoberta do barbeiro, não é? Que papai não era cientista de estar em microscópio e nem fazendo aquelas coisas todas. Ele viu um dia no microscópio um troço que ele não conhecia. E aí chamou o Dr. Carlos Chagas que estava lá na ocasião: “Vem cá, o Chagas vem aqui, vem ver o que é isso”! E o Dr. Chagas deu um pulo, disse: “Isso é um... Como é que chama o negócio? Esqueci agora. Só existe um na África que produz a moléstia do soro.

ET: Tripanossomo?

NT: Isso tripanossomo. E assim o Dr. Chagas ficou felicíssimo da vida, não é? Com isso. Mas nunca citou o nome de meu pai não, nunca. Também papai não fazia questão de nada, era o homem menos sem vaidade que eu já na minha vida, não fazia questão de nada. Ele queria trabalhar e fez lá o saneamento da baixada fluminense de uma maneira espetacular. Era o impaludismo, era pantanal, tinha pantanais aí no estado do Rio, aí nessa baixada toda. Ele começou mandando fazer córregos pra água passar corrente, pra não ficar parada, porque água parada é que cria mosquito, não é? Ele fez um saneamento, tinha 12 médicos trabalhando com eles e estudantes de medicina, cada um ficou com uma zona, uma parte aí do subúrbio encarregado de fazer o que ele determinava e realmente acabou o impaludismo aí no estado do Rio. Agora parece que está voltando outra vez, já ouvi aí umas queixas, não sei, mas hoje tem esse meio de combater, não é? E antigamente não tinha.

E depois disso ele foi integralista e foi preso, e o Getúlio soltou ele, mandou soltar e recolheu-se a vida privada, não quis, mais ficou desgostoso, ficou triste com esse negócio então do impaludismo aí na baixada, que falaram mal dele, criticavam ele e tudo, ele ficou

triste e ficou na vida privada só escrevendo, escreveu 2 livros meu irmão ficou com tudo que era dele. Depois meu irmão ficou perturbado da cabeça e não se acha nada, nem o diário dele, da viagem que ele fez uma vagem que saiu de Recife e foi sair em São Paulo, por dentro do Brasil, pese interior inteiro a cavalo e ele tinha o diário dessa vagem interessantíssimo, com coisas fantásticas que ele encontrou pelo caminho.

Encontrou uma doença que chamava mal de engasgo, que a pessoa comia e cada gole que tinha que engolir, cada bocado que tinha que engolir ficava sufocado, virava cambalhota, botava as pernas, ficava pendurado na árvore de cabeça pra baixo tudo pra a comida descer, ele encontrou isso no interior aí nesses matagais. E outras coisas assim que tinha nos diários dele muito interessantes coisas muito bonitas, pena que meu irmão... Meu irmão ficou esclerosado e a gente não acha o diário dele, era um caderno grosso assim com todas as histórias. Tinha um episódio ou outro que ele contava muito e que a gente guardou e o mais ele foi pra fazenda dele e lá ficou sossegadinho, não quis mais de meter em política, não quis mais. Porque ele começou, em Juiz de Fora ele foi vereador, foi presidente da câmara de Juiz de Fora, quando eu nasci, quando era menina e minha mãe ainda estava viva, depois que minha mãe morreu de febre amarela, ele ficou muito desgostoso, e abandonou tudo, montou um armazém de secos e molhados. Espia bem, ficou tão desesperado que largou, rasgou a carta de médico e ficou em Juiz de Fora vivendo durante muitos anos, meus irmãos quase todos nasceram lá, eu nasci, não... Eu nasci lá, é. Os dois mais velhos nasceram em Barbacena onde meu avô morava, e eu e minha outra minha irmã que sobramos, nascemos em Juiz de Fora. Eu ainda me lembro bem de Juiz de Fora, apesar d'eu ter sido de lá com cinco anos, eu gravei muita coisa, tenho aqui na cabeça gravado.

E aí ele veio aqui pro Rio quando foi nomeado delegado de saúde chamava-se delegado de saúde, tinha uma delegação de saúde. A dele era na rua de Visconde de Ituauna, não é Visconde de Itaúna que sai ali do Mangue e vai parar lá na Praça Tirantes? É uma rua daquelas dali. Ele ia lá e dirigia o serviço justamente de saúde pública, a parte que cabia a ele, não é? de tomas conta das possas, das águas paradas, visitar aquelas lojas antigas que tinham latas com água pra não deixar que a febre amarela e o impaludismo voltassem ao Rio de Janeiro. Aí ele trabalhou muitos anos. Ele era muito querido porque ele era muito bom, tratava o Zé Povinho com muita condescendência.

Atrás da nossa coisa tinha uma coisa de cômodos, eu não sei se eu já falei isso, enorme, daquelas antigas e tinha um crioulo lá que tomou simpatias por meu pai, só chamava ele de baixinho, porque ele era baixinho mesmo, não sei se eu já contei, não é isso?

NT: É, essa história a senhora já contou sim.

MP: Pois é, e aí ele ficou muito querido no bairro por ali tudo. E depois ele se aborreceu, foi do integralismo, ele ficou muito... Foi preso durante o integralismo ele ficou muito desgostoso e foi aposentado e foi morar na fazenda aqui pertinho de Vassouras em Sacra Família e lá ele morreu. Acordou de madrugada e foi na geladeira, encheu um copo de gelo, botou água e bebeu aquilo, pá. Estava quente da cama...

NT: A senhora sempre foi muito próxima a ele, mesmo depois de casada e tudo, a senhora sempre teve muito contato.

MP: Muito. A gente não saía de lá, a minha mãe era uma criatura maravilhosa, muito boa, era minha madrasta, mas eu não tinha a menor noção disso pra mim era a minha mãe. Ele foi muito feliz com ela, ela foi muito boa, aguentou muita coisa dessas, esses períodos que ele passou, passou na prisão. Tudo isso a gente sofreu muito por esse lado e ela ali firme. Começou a cozer pra fora pra ajudar a sustentar a casa. Porque cortaram o ordenado dele, que ele ganhava como médico da saúde pública durante esse período, cortaram.

NT: Período durante o integralismo, depois...

MP: É, aquela coisa toda. E a mamãe então como era muito jeitosa começou a cozer pra você ajudar na casa e depois papai saiu, ficou aborrecido com tudo, ficou muito desiludido. Como se aqui não Brasil a gente pudesse ter a ilusão de alguma coisa, eu não tenho. Aí ele comprou essa fazenda aqui perto de Vassouras, em Sacra Família, o lugar chama Sacra Família e se encantou com aquilo e ficou por lá, vinha aqui no Rio, passava uns dias aqui com a gente depois voltava pra a fazenda outra vez. E lá ele era muito consultado, aquele

pessoal da roça, não é? Vinha porque sabia que ele era doutor, doutor pra você tem que ser médico, não é? Então iam muito lá e ele dava aquelas receitinhas de coisa simples para aquela gente de lá. Ele era muito querido, muito bom, porque ele era muito bom pro povo. Até que no enterro dele até criancinhas disse tamanho assim vinham com um buquezinho de flor do campo, aquelas flores botar no caixão dele, de tão querido que ele era lá.

NT: Agora com toda essa desilusão que a senhora está falando ele manteve algumas amizades, acreditava em alguns...

MP: Não, ele tinha bons amigos ainda assim, inclusive ele se deu com Carlos Chagas até a morte.

NT: Ele manteve a amizade?

MP: A mulher do Carlos Chagas era madrinha de uma das minhas irmãs. Ela chamava-se Íris, era uma moça bonita que só ela, bonita mesmo, muito boa, muito delicada, era lá de Juiz de Fora.

NT: O Oswaldo Aranha era um amigo dele?

MP: O Oswaldo Aranha ele conheceu no sul. Quando Getúlio foi governador lá no sul chamou o papai pra fazer o saneamento lá que havia muito impaludismo lá também, não é? E ele foi e passado uns tempos mamãe esteve lá também passou uns tempos lá. Quando houve a revolução o Getúlio veio com a tropa, não é? Aí o papai veio embora aqui pro Rio. Foi aí que começou o integralismo, depois o Getúlio com esse grupo.

NT: Depois que ele saiu do Ministério da Educação e Saúde com essa desavença, não é? Com o Getúlio Vargas nessa época, aí depois disso ele se afastou.

MP: Ah, ele se afastou, se afastou, não quis mais não, sofreu muita desilusão.

NT: E isso a senhora acha que é porque ele era um homem assim muito firme nas suas ideias.

MP: Muito, Ih minha filha! Aquilo era do século passado, não era disse século não. (risos)

NT: Ah é? Não negociava?

MP: Não! Ih!

NT: Não transigia.

MP: Não! A gente ficava triste quando chegava, quando ele tomou conta aqui dessa zona da cidade que foi dele Saúde, Gamboa, ali pedaço de Mangue, zona brava naquele tempo com ruas escuras e não havia água direito. E que ele multava aquela gente por causa de água parada, lata cheias d'água no quintal essa coisa. E chegava perto no natal, vinham aquelas caixas disse tamanho com tudo que você possa imaginar, vinho queixo, passas, ameixas, tudo. Ele: “Volta já daqui, não quero saber disso!” A gente ficava com o olho cumprido. **(risos)** Ele não aceitava, mas nada vezes nada todo que fosse um jeito de querer amansar ele não aceitava.

NT: Agora, a senhora estava...

MP: Não estão ouvindo bem? Ou sou eu que estou baixando o tom de voz? Na ocasião que o Getúlio fechou o integralismo ele foi preso, foi pra casa de tentação, ele e minha irmã que era secretária dele, mas quando o Getúlio soube que tinham prendido ele mandou o Oswaldo Aranha buscá-lo, não deixou que ele ficasse preso, porque sabia que papai era um homem de boas intenções, que não queria revolta, não queria nada dessas coisas, não é?

NT: Quer dizer, o próprio Getúlio Vargas?

MP: O próprio Getúlio deu ordem de soltar e quem foi buscá-lo foi o Oswaldo Aranha. Tanto que diz que o pessoal da polícia ficou tudo de boca aberta quando viu ele descer de braço com o Oswaldo Aranha, que era o ministro do Getúlio. Depois disso ele se desgostou muito, ele viu que o Plínio Salgado não era o que ele sonhava.

NT: Ah ele se desiludiu também com o integralismo?

MP: Se desiludiu com o integralismo. Aí comprou a fazenda e foi pra fazenda e lá ficou. Ia lá e passava os fins de semana em casa a gente ia lá também passeava lá e lá ele morreu.

NT: E por que a senhora acha que ele aderiu ao integralismo?

MP: Ah porque ele achou as ideias muito bonitas, ele achava que o Plínio ia salvar o Brasil, não é? Esse Brasil que até hoje fica muito mal que não saí de jeito nenhum, não é?

NT: Essa salvação ia ser como, a senhora lembra dessas ideias?

MP: Ah ele queria mudar tudo. O Plínio tinha ideia de virar tudo, de fazer tudo. Ele era meio nazista, não é? A ideia dele era negócio de uniforme, todo mundo vestido igual a Alemanha estava em pleno nazismo, não é? Eu acho que ele achou aquilo lindo. Então ele queria fazer isso, tanto que botou uniforme, eles todos andavam de blusa verde e aquele chapeuzinho na cabeça.

Eu tenho a ideia do que era essa a ideia dele, fazer um governo nazista, pode ser que não fizesse as maldades que Hitler fez porque brasileiro tem coração mole, não é? Mas a ideia que nós tínhamos é que ele queria fazer um governo ditador, não é? Porque o Getúlio era ditador, mas não tinha violências, não é? Aí papai se desiludiu muito com isso.

NT: Mas a senhora acha que o Dr. Belisário também chegou a ter simpatia por essas ideias nazistas?

MP: Não, de jeito nenhum! Papai era contra ele tinha horror ao Hitler e a tudo que o Hitler fazia. Ele não concordava com isso não. De jeito nenhum. Ele sempre foi um homem que não queria ter patrão, não queria ter chefe.

O único homem que vi ele ceder e atender foi Oswaldo Cruz, porque Oswaldo Cruz era uma pessoa muito educada, muito fina e o que ele podia era sempre coisas razoáveis, coisas boas que podiam fazer bem. Tanto que ele ficou amigo do Dr., Oswaldo Cruz pelo resto da vida, quando o Dr. Oswaldo morreu, porque o Dr. Oswaldo morreu com uns 45 anos parece, ele ficou arrasado com a morte do Dr. Oswaldo. Ele morreu muito ele sofria tinha uma doença de regimento interno, o Dr. Oswaldo que não podia, tinha que ter uma dieta rigorosa, até quando ele foi chamado pra ir a Madeira Mamoré, à estrada de ferro que estavam fazendo e ficava cerca de 200 doentes podia de impaludismo, o Dr. Oswaldo foi chamado pra dar opinião e ele foi com papai. Papai vigiava a comida dele porque senão ele... Sabe como é doente, não é? Podendo sair fora sair fora sai, não é? E papai foi A Madeira Mamoré e teve muita... Tratou muito de muita gente, ajudaram muito fizeram um saneamento lá grande pra acaba com impaludismo, mais beira de rio, águas paradas, lagoas que têm lá aos montes. Era muito difícil acaba com mosquito, não é? Que mosquito só põe na água parada em água corrente ele não põe. Põe os ovos só em água parada, mas esses rios formam uma espécie de lagoas assim. Quando enche muito, depois esvazia e o mosquito se desenvolve. A última viagem grande que ele fez foi essa com o Dr. Oswaldo Cruz. Ele fez uma [viagem] também sozinho, que eu acho que eu já contei a vocês, que saiu do Recife e veio parar em São Paulo, não é? Essa ele fez sozinho com uma camarada acompanhando, que ele conhecia o sertão. Depois ele não quis mais não. Ele ficou desgostoso, se desiludiu muito, sabe? Ele era um idealista. O mal de papai é que ele era um idealista de coisas que aqui no Brasil são muito difíceis. Honestidade, honradez. A responsabilidade de um emprego, tudo isso que aqui minha filha, é coisa rara, não é?

NT: O ideal dele então era um ideal de...

MP: O ideal ele era sanear o Brasil todo, era acabar com o impaludismo, acabar com tudo que é doença infecciosa, e dessas que alastra, não é? mas não conseguiu não, a política não...

NT: E isso ele manteve? Esse ideal de saneamento foi uma coisa que ele perseguiu durante toda a vida dele?

MP: Toda a vida.

NT: Mesmo nesse período do integralismo?

MP: Toda. Ele...

NT: (**inaudível**) Era mais importante? Ainda dentro desse ponto do integralismo dona Maria, quer dizer, a senhora falou, não é? Já na entrevista que a senhora tinha comentado que foi num momento assim que ele teve uma paixão pela vida pública que foi o integralismo.

MP: É, ele achou o Plínio [Salgado] salvador da pátria. O Plínio falava bem mesmo, não é? e a pessoa que não tivesse a cabeça ali bem dura, ia acreditando em todas aquelas belezas... Mas ele falava bem mesmo!

NT: A senhora chegou a ouvi-lo falar?

MP: Eu cheguei. Houve uma conferência, eu morava na Tijuca, houve uma conferência lá no salão na Praça Saens Pena e eu fui. Ele falava muito bem, ele atraía mesmo, tinha um jeito danado para manobrar o miolo da gente, sabe?

NT: E a senhora lembra assim, quais eram as principais ideias que o Plínio Salgado defendia?

MP: Ah eu não lembro mais não! Ele queria um país, ele queria um país de sonhos, que não existe. Com todos os homens honestos, os empregos muito bem remunerados de acordo

com a capacidade da pessoa. Ele queria tudo de bom que tem no mundo. O que não pode haver não é minha filha? Não dá.

NT: Mas naquela época a senhora ainda acreditou um pouco também?

MP: Não, eu não fui. Eu nunca quis, nunca. A minha irmã é que entrou para o partido, eu não. Eu escondi. Eu tinha em casa uma porção de coisa. Quando a polícia começou a perseguir, a revistar nas residências, o que eu achei uma coisa horrível, porque não estava em ditadura, e a polícia invadia uma casa e revirava a casa de pernas de ar. Se encontrasse um papelzinho desse tamanho escrito integralismo, você era preso, porque tinha que ser integralista, porque tinha escrito o nome de integralismo ali, esse polícia linda que nós temos, tinha que ser integralista, não é? Então tudo que podia cheirar a integralismo eu rasquei, botei fora, queimei, não queria confusão, meu marido era funcionário público, e a gente podia ficar sem emprego.

NT: Mas não chegou a haver nenhuma revista nem na sua casa...

MP: Não, na minha casa não.

NT: Nem na...

MP: Não, na minha casa, nem na casa de mamãe também não fizeram. Mas ele ficou preso o que? Uma semana e pouco. E foi preso, papai foi preso duas vezes. Primeiro ele foi... Porque estava em Campinas lá em São Paulo fazendo um (inaudível) lá na praça pública e chamou o... Era o Hermes que era o presidente.

NT: Não era o Arthur Bernardes?

MO: É, o Bernardes, justamente, porque o Bernardes era um burro, era isso, era aquilo. Em praça pública, no Mid, sai dali para delegacia, não é? Aí foi para cadeia. Cadeia, minha filha. Meteram ele numa sela comum de prisioneiro comum. Porque a pessoa que é formada

tem umas tantas regalias quando é presa, não é? A primeira coisa que ele fez foi chamar o carcereiro, dar dinheiro, disse: “Compre uma vassoura, uma balde, sabão e água e vamos lavar isso aqui, que isso aqui é chiqueiro, não é prisão. Aí botou os presos todos junto com ele para trabalhar e limpar a sela. A sela ficou limpinha, bonitinha... (risos) todo dia mandava comprar café e pão para dar para os presos. Ficou queridíssimo. Você imagina! Com todo mundo: “Seu doutor, se precisar de um serviço nós estamos as ordens, não é? Mas aí ele foi solto, não é? Depois ele foi solto e veio aqui para o Rio já muito desgostoso, muito desiludido. Foi se afastando, se afastando, até que acabou não querendo mais nada. Foi para fazenda dele e lá ficou, e lá morreu.

NT: Engraçado que ele foi vereador em Juiz de Fora, a senhora já nos contou.

MP: Foi.

NT: Mas depois disso nunca mais...

MP: Ah eu era garotinha, não é?

NT: E aqui em Minas...

MP: Quando a minha mãe morreu, porque ela morreu de febre amarela. Imagina você que contraste, não é? Ele combateu a febre amarela e a mulher morreu. Ele ficou muito desgostoso, rasgou aquele negócio de doutor, aquele canudo. Rasgou, picou e botou no lixo e montou um armazém de secos e molhados em Juiz de Fora e ficou muito tempo dono daquele armazém. Ele vinha aqui ao Rio, fazia as compras, comprava café, comprava isso, comprava aquilo. Eu ainda lembro, eu era pequenina, mas eu ainda me lembro bem, que quando tinha que chegar, nós tínhamos uma cachorra em casa, perdigueira, cachorra preta, enorme, grande, tinha o nome de africana. O dia que papai tinha que chegar do Rio a cachorra não sossegava, corria para um lado para outro, fugia para rua, entrava e saía, quando ia chegando assim cinco e meia, seis horas que era hora que trem chegava aqui do Rio, ela disparava para estação e sentava na plataforma e ficava esperando. Papai

desembarcava, ela vinha com ele. Ela afamada a africana, queria esperar o patrão lá na estação.

NT: Agora dona Maria, com tudo isso que a senhora nos contou, não é? Da vida do Dr. Belisário, eu estava justamente comentando que ele foi vereador e depois ele nunca mais quis se candidatar a nenhum cargo, não é?

MP: Não. Parece que... Eu não tenho muita certeza, mas me parece que ele foi... Como é que se chama? Presidente da Câmara dos Vereadores. Eu tenho uma vaga ideia que falaram isso, mas como ele era muito severo em matéria de (inaudível) e de dinheiro tudo isso, ele não ficava em lugar nenhum, porque sabe como é que é, não é?

NT: E a senhora assim em casa dele falar mal dos políticos?

MP: Ele comentava alguma coisa, mas eu era muito pequena, não ficava prestando muita atenção.

NT: Mas mesmo depois em Juiz de Fora mesmo? Na saúde pública a senhora lembra dele fazer comentários?

MP: Depois Secretaria Acadêmica saúde pública, eu lembro dele fazer comentar falar de alguns médicos, elogiar outros, não é? E tinha uma verdadeira fascinação pelo Oswaldo Cruz. Se o Oswaldo Cruz mandasse ele deitar e ele pisar em cima, ele deitava e deixava.

NT: E foi a única pessoa assim que ele realmente ele teve admiração?

MP: Quem eu vi ele admirar mesmo de verdade foi o Oswaldo Cruz. Mas ele foi realmente muito... Um homem que começou muito moço, porque o Dr. Oswaldo estudou medicina no Rio e depois foi para Europa e ficou 4 anos em Paris se especializando lá. Ele era muito inteligente, muito preparado, mesmo, viu? E era um homem muito simpático, muito agradável. Eu me dei muito com a família, eu era íntima na casa deles.

NT: E assim, além do Dr. Oswaldo e do Dr. Carlos Chagas, não é? que a senhora já falou sobre a amizade, que ia o Dr. Belisário, a senhora lembra assim de outros médicos, outras pessoas que mantiveram assim...

MP: Tinha o... O diretor de saúde pública aqui do Rio chamava-se, eu não sei se era João, João Pedroso.

NT: João Pedroso de Albuquerque.

Fita 3 – Lado B

MP: É, isso. Eu não me lembro muito bem. Tinha o Dr. Albuquerque que... Foi Dr. Albuquerque, que a filha matou aquele jornalista sem vergonha que só descobria os podres das famílias. As coisas que publicava no jornal, como é que ele chamava?

NT: Não sei.

MO: Mário... (**pausa**) Ele fazia chantagem, sabe? Ele descobria um escandalozinho na família, ele ia lá e dizia: “Olha, eu sei disso, disso, disso, se vocês me derem tanto, eu não público”. A pessoa não dava e ele botava no jornal. E aquela Silva Serafim, filha de um médico que trabalhou com papai na saúde pública e no saneamento... A Silva Serafim um dia o matou ele, foi no escritório dele e matou ele.

NT: Isso quando mais ou menos? A senhora lembra mais ou menos a época que isso aconteceu?

MO: Olha, eu já era moça. Eu já era moça. Eu fui visitar a Silvia no Hospital. Porque eu me dava muito com ela, sabe? Nós em menina brincávamos muito na praia. Nós morávamos perto do Leme, papai nos levava lá e a gente sentava na areia e brincava lá, ainda tinha até

pitanga na praia. Brinquei muito com ela. E quando ela foi presa e ficou hospitalizada, porque não sei porque ela ficou doente, eu fui visitá-la. Tinha guarda na porta, aquele clima horrível. Mas ela foi absolvida. Porque ele fazia isso, ele ia descobrir um podre de uma família, e toda família tem sempre um que desvia, não é? Principalmente de família grande, aí ele ia procurar e perguntava se a pessoa queria pagar tanto que ele não publicava, senão que ele publicava no jornal. E ele fez isso com a família da Silva, eu não sei qual foi o caso que houve, eu sei que ela foi lá e deu um tiro nele e matou.

NT: Teve uma época que o doutor... (**inaudível**) na imprensa que ele escreveu muitos artigos para a imprensa, não é?

MP: Ah escreveu livros, tem livros. Eu vou ver se ainda descubro algum livro dele eu (**inaudível**) lá em Manguinhos. Ele escreveu vários livros. Esse caderno que ele fez da viagem dele pelo interior era uma beleza. Mostrando o que ele foi encontrando por aí, as doenças, a pobreza, a miséria, que até hoje ainda tem, não é?

NT: A senhora tinha falado a vez passada, não é? Que com toda a vida dedicada à saúde pública, ele não encontrou muito reconhecimento. No momento da morte dele teve...

MP: No momento da morte dele, ele morreu em (**inaudível**) Não, ele morreu na fazenda.

NT: Na fazenda.

MP: Ele levantou de noite, estava muito calor, ele foi na geladeira, encheu um copo de gelo botou água e bebeu, bebeu e bateu no chão. Aí lá na fazenda, então o meu irmão pediu à central um carro para transportar o corpo dele aqui pro Rio e assim... Que eu não sabia, é até um carro funerário, de trem. Tem uma (**inaudível**) umas correias para mover o caixão, não é? E quando ele morreu, nós fomos lá buscar. E o povo da vila acompanhou todo tempo a gente, até umas meninas desse tamanho com duas florinhas nas mãos, daquela florinha do campo, todas acompanhando. Foi uma coisa comovente, viu? Muito comovente. O enterro dele veio aqui para rua dona Mariana onde mamãe morava. E todo o pessoal

integralista, que foi integralista, acompanhou. Foi a pé para o cemitério porque era pertinho, não é? Foi a pé para ir para o cemitério São João Batista, mas um acompanhamento imenso, todo mundo a pé.

NT: Por que o governo do Ministério da Educação e Saúde não compareceu ninguém?

MP: Teve um representante sim, que eu não me lembro mais quem foi não. Mas aqueles médicos todos que trabalharam com ele aí na baixada, todos foram. Foi muito comovente o enterro, mas houve um fato interesse. Ele morreu de pijama, e nós não tiramos o pijama dele, porque no caixão cobriu-se de flores não se viu que tinha pijama ninguém, quando o corpo estava aqui na Rua Dona Mariana esperando a hora de sair, uma dessas mulheres do povo entrou, entrou menina, subiu a escadinha, entrou na sala, olhou, levantou assim as flores: “Miseráveis! Nem uma roupa vestiram no homem, deixaram o homem de pijama!” **(risos)** Na sala com todo mundo chorando, todo mundo triste, e ela xingando porque ele estava de pijama. Nós não fizemos questão nenhuma porque eu acho horrível esse negócio de vestir defunto, acho isso horrível. Eu ainda peguei um tempo que se comprava uma fazenda e um sapato especiais para defunto, fazia aquele camisolão preto, aquele sapato preto molezinho, feito um chinelinho, para botar no defunto. Ao invés de deixar com a roupa que estava, que morreu. E essa mulher então chamou a gente de miserável, porque não vestiram o defunto. **(pausa)** Faz muitos anos que ele se foi, não é? Mamãe ainda durou muito tempo. Ela morreu de câncer.

NT: Muito tempo depois dele?

MP: Muito tempo depois. Depois ela vendeu a fazenda, ela não quis ficar, sem ele lá ela não achou graça, vendeu a fazenda e foi morar lá um senhor inglês, ou americano, não sei, foi um estrangeiro que comprou.

NT: Parece que hoje é um hotel fazenda, não é?

MP: É, hoje é um hotel. Não é onde é a casa, a casa foi abaixo, um temporal que caiu lá a casa arriou inteira, caiu assim (**som de queda**) A casa que a gente morava, imagina se tivesse com gente dentro. E esse homem que comprou fez um hotel na beira do lago. Porque tem um lago lá, não é? Primeiro foi, primeiro foi seminário. Os jesuítas fizeram lá uma casa para seminário, mas parece que não deu certo de ficar lá naquele mato não, eles desistiram, venderam. Então hoje é um hotel, que tem um lago imenso onde fazem natação, tem canoa, e tem tudo. Mas o local, o clima de lá é ótimo, muito bom.

NT: Dona Maria, eu tenho ainda uma curiosidade, a senhora já nos falou tanta coisa do Dr. Belisário, em relação à educação dos filhos a senhora já nos falou que ele era tão dedicado ao trabalho que a presença maior mesmo era...

MP: Era a mamãe que cuidava.

NT: ...Da sua mãe. Agora, assim, em relação a educação dos filhos ele estimulava que os filhos homens seguissem medicina, ele interferia, como é era isso?

MP: Ele não entrevistou. Um filho homem que foi o sexto, era Ernestina, Eunice, Ligia, aí foi o quarto, João. Que tinha nós duas que éramos do outro casamento, e ele nunca influenciou porque ele sempre foi muito responsável, desde menino, muito estudioso, formou-se em engenharia, casou-se com uma moça de São Paulo, foi muito feliz.

NT: É ele que guardou a documentação.

MP: Era ele que guardava o documento, e é o filho dele que está procurando onde é que ele enviou porque ele não sabe o que ele fez. Ele ficou esclerosado e depois quando minha irmã mais nova estava com dez anos, mamãe engravidou, e teve o filho mais novo que chamava Oswaldo em homenagem a Oswaldo Cruz, mas esse não deu para nada, inteligente que só ele, mas não quis se formar em nada. Trabalhava com funcionário público, vivia lendo, estudando, lendo, lendo, lendo, lendo... Era muito inteligente, um dia dormiu e não acordou. Com 40 anos. Ele morava com a minha irmã solteira. Minha irmã

mesmo de pai e mãe, que não casou, ele morava junto com ela. Ela acordou de manhã foi lá e ele estava morto.

MP: Dona Maria, tinha ainda mais uma questão que a senhora já nos falou um pouco sobre isso, até fora mesmo da entrevista e a gente gostaria que senhora falasse um pouco sobre isso, que a sua experiência de vida mesmo a senhora disse que era muito difícil na sua época de mocidade e tudo, a posição da mulher.

MP: Era. Ih, minha filha!

NT: Então a gente gostaria que a senhora falasse um pouco sobre isso.

MP: Tudo não pode. Não pode. Eu quis muito estudar, fazer curso de professora na escola normal, mas a escola normal nesse tempo era na rua do Estácio ali no.. Não sei se vocês conhecem aquelas bandas de lá. Tem o Largo do Estácio e era naquela rua que era a escola normal naquele tempo. Porque hoje é na Mariz e Barros, não é? é no Instituto de Educação. Eu quis estudar para professora, “de jeito nenhum, eu não vou deixar...” Isso era meu pai, “você ir de bonde sozinha lá para aquelas bandas”. Aquelas bandas pareciam assim que era o lugar dos bandidos, das meretrizes, ou qualquer coisa parecida. Não deixou.

NT: Ah nessa hora ele era presente ali. **(risos)**

MP: Eu trabalhei... Eu ajudei muito meus irmãos, ensinava, e estudei num colégio alemão que tinha na rua do bispo, perto da minha casa, mas lá eu estudei todas essas matérias e mais francês, inglês e alemão. Eu sabia alemão que já escrevia, eu gostava muito de ter correspondente fora, não é? eu já escrevia em alemão e naquela letra maluca que eles têm, eu já sabia escrever aquela letra. E escrevia para a Inglaterra, escrevia para França, tinha vários correspondentes. Mas veio a guerra eu fiquei com uma raiva da Alemanha danada e aí abandonei o alemão. E o alemão você não pode abandonar não, porque esquece mesmo. Tem quatro como é que se chama? Denominativo, tem nominativo, tem positivo... Sei lá

tem quatro, cada vez que você tem que dizer uma coisa tem que falar de uma maneira diferente, com um artigo diferente, é uma língua muito difícil, muito difícil.

NT: Exige muito estudo, não é? Estudo constante.

MO: É. Mas eu estudei muito bem inglês e francês, depois estudei um bocado de italiano também. Adoro línguas, não é? Gosto muito e não esqueci porque eu vivo lendo. Até hoje eu estou lendo, lendo inglês, lendo francês, leio italiano, espanhol também eu leio, porque espanhol é fácil, não é? até uma ocasião que houve um Congresso religioso aqui no Rio e que eles pediram para as famílias hospedarem os padres e os hóspedes que viessem. E como nós morávamos numa casa muito grande. Aí eu já estava viúva, estava morando com a (**inaudível**) ali na rua da Matriz. Nós hospedamos dois padres argentinos. Um com 1,92 de altura, eu junto dele ficava (**risos**) uma bengalinha para ele. Esse homem eu tenho amizade com ele até hoje, a gente se corresponde até homem ele foi embora e a gente o tratava de Luiz Bin, olha que nome engraçado. Ele é argentino, mas é filho de italiano. E então eu ia falando as minhas línguas assim meio atrapalhada, mas me fazia entender, o inglês e francês eu tinha muitas ocasiões. A mulher do meu neto, desse meu neto mais velho, é suíça e quando ela veio para o Brasil ela não sabia falar português, ela só falava francês, era da suíça francesa, e aí a gente gastou um bocado de francês, a mãe dela também estive aqui, também só fala francês, a gente também falou francês. O francês a gente tem mais ocasião de falar, do que o inglês. O inglês eu estive nos Estados Unidos, minha filha que morava lá, eu fui lá e lá eu pratiquei muito, o que eu só falava inglês, não é? E tenho correspondência até hoje de pessoas que ficaram amigas a gente escreve em inglês, não é? Eu escrevo para elas em inglês. Eu gosto muito de línguas, muito, se tivesse que fazer um curso superior era só de línguas.

NT: E além da escola normal que a senhora não pode fazer, quer dizer...

MP: Eu estudei nessa escola alemã. Foi aí que eu fiz toda a minha formação de geografia e história, e ela era muito exigente, ela exigia de cada história um livro sobre a história daquele país, um livro da Inglaterra, um livro da Alemanha. A gente tinha que estudar

aquilo mesmo, ela eram muito... Elas eram alemãs, mas eram severas mesmo. Mas muito bom. A mais chegada era muito boa, a dona Joaquina. E eu adoro língua.

NT: E a senhora mantém a correspondência até hoje, não é? Quer dizer, é uma forma de...

MP: Nada. Alemão nada. Com os Estados Unidos eu tenho, porque eu fiz boas amizades lá e a gente escreve uma para outra, manda no natal, quando a minha filha... A minha filha está lá agora, a irmã da Elza, a mais nova, ela é intérprete. Vão aqueles grupos de brasileiros lá para os Estados Unidos e ela faz a interpretação do português para o inglês, para o inglês para o português. Ela está lá, mas está muito aborrecida porque diz que não tem trabalho, porque com essa ameaça de guerra suspenderam todos os grupos que iam pra lá de outros países, e ela está quase sem trabalho, então ela vai voltar.

NT: E a senhora hoje tem uma ligação também com grupo religioso, não é? A senhora, a dona Elza com um grupo da igreja católica, um trabalho...

MP: A Elza é que tem, a Elza é que é da... Gente! É um grupo que geralmente são 6 casais no máximo que se reúnem uma vez por mês e há uma prática, falasse sobre um assunto, discutisse o assunto com o padre, junto com o padre. Há uma missa em casa, aqui em casa sempre tem, e depois um jantar. É muito interesse. E o padre que dirige aqui o grupo da Elza, é franciscano que é a minha paixão. A minha paixão é São Francisco de Assis, não é? E ele é franciscano e trabalha, coitado, ele trabalha no subúrbio, em Olaria, Olaria ou Penha, não sei, num desses subúrbios. Trabalha feito um danado. É moço ainda. É homem de uns 50 anos. Alto, bonitão mesmo, ele deve ser perseguido lá que eu faço uma ideia, porque padre moço e bonito minha filha, (**risos**) porque as mulheres não querem saber se é padre não. Eu assisti isso porque eu conheci o padre Franca que foi vigário do Sagrado Coração ali na rua Benjamim Constant ele era perseguido, mas era uma coisa escandalosa, as mulheres chegavam a pendurar no braço dele, querer abraçar, uma coisa terrível, terrível. E o frei Jose é bonitão, alto, bonitão, simpático. Eu não sei, a vida dele eu não sei, mas que ele é um ótimo sacerdote é. muito bom. E esse meu não tenho mais velho chegou a ficar no seminário dois anos. Os pais se separaram e ele ficou num desgosto profundo e foi ser

padre para ver se ele sendo padre, fazendo um sacrifício que os dois voltavam, voltaram nada! Ela casou com outro, ela casou com outra, estão aí muito bem. E ele foi seminarista dois anos, mas no fim de dois anos o próprio diretor do seminário falou, era melhor levar ele porque ele não dava para padre. Não eram vocação era coisa forçada, não é? Então ele veio para cá, aqui estudou geologia, trabalhou bastante em geologia, depois se meteu em política, foi preso, foi torturado, quase que me matam ele, aí quando ele saiu da cadeia nós mandamos ele para os Estados Unidos, ele ficou lá seis anos. E lá é que ele estudou economia, não economia foi aqui. Não, geologia foi aqui, ele formou-se em economia lá, e estava fazendo doutorado de educação. Mas voltou para o Brasil e agora quer ver se termina aqui o que ele já estudou. Casou-se com uma moça suíça e agora tem um neném, o primeiro filho, já está casado há quatro anos e não tinha filho. Então os dois estão assim, e a criança nasceu antes do tempo, nasceu com quase sete meses, agora que está fazendo sete meses. Ele está na incubadeira, é igual uma chocadeira de galinha, não é? Mas está bem, está sendo... Já está até tomando leite. Bisneto. 14.

NT: 14 bisnetos? Daqui a pouco um tataraneto, não é?

MP: É uma família... A minha bisneta mais velha está com 22 anos, qualquer dia ela casa.

NT: É isso. Bom, dona Maria, nós gostaríamos de agradecer a senhora em nome da Casa de Oswaldo Cruz pelo depoimento.

MP: Está às ordens, o que vocês precisarem, podem correr para cá. Adoro falar de meu pai.

NT: Que ótimo. **(risos)**

MP: SE vocês precisarem de alguma coisa que eu possa informar eu estou aqui à disposição.

NT: Ta, muito obrigada.

MP: Eu gostava muito de Dr. Oswaldo também.